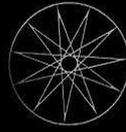


Sitra Ahra



A voz do "obsl orjtuu"

Edição #3 Anno Mythi 2015

O alvesso dos vícios



ÉTICA
luciferiana

OUTRAS COISAS DO OUTRO LADO:

Descendo as vestes da deusa

Verdadeira vida

Satanismo

Que diabos é isso?

O que sabemos
sobre a Discórdia

Observação de

um ente querido

Criaturas da noite

E MAIS...



A MAGIA NEGRA É UMA COISA

NÃO NATURAL. VOCÊ QUER ?

Sitra Ahra

EXPEDIENTE

Edição, revisão, diagramação e arte
Adriano Camargo Monteiro

Colaboradores nesta edição

Amyr Cantusio Jr
Aristerá
Don Eli
Edgar Franco
Eliane Quintella
Felipe Galvão
Karmaggedom Goat
Lilith Ashtar
Morbitvs Vividvs

Colaboradores do exterior

Linda Falorio
Malaclypse
Michael Aquino
Santiago Caruso
Shani Oates

Colaboradores do "outro lado"

Augusto dos Anjos
John Milton
Lord Byron

Distribuição

A mídia caótica chamada internet.

Todas as matérias são
de responsabilidade de
seus respectivos autores.

Sitra Ahra agradece sinceramente
a todos os colaboradores.

Se é permitida a distribuição gratuita?



Contatos imediatos de quarto grau
com o "outro lado":

[facebook.com/revistasitraahra](https://www.facebook.com/revistasitraahra)

twitter.com/zinesitraahra

[geocities.ws/sitraahra](https://www.geocities.ws/sitraahra)



Agostino Carracci

Saudações do lado de cá!

Após gestar por um longo, muito longo, tempo desde a última, eis que é expelida a terceira edição de *Sitra Ahra*, sinistra publicação eletrônica de filosofia oculta, filosofia draconiana, LHP e afins, indo além das correntes da *new age* e dos modismos mercenários de massa. *Sitra Ahra* também é isenta de sectarismos, dogmatismos, fundamentalismos e esquisoterismos misticoides, primando pela liberdade de pensamento e de difusão de conhecimentos "danados".

Nossos leitores, inteligentes e com discernimento, já conhecem a tônica. Sabem que aqui eles encontrarão o "outro lado" das coisas, a "outra versão da história", o interessante e intrigante lado "oculto", aquilo sobre o que ninguém talvez queira falar, aquilo que é "proibido", que causa desgosto ou temor às condicionadas ovelhas de algum "Senhor".

Em suas 11 matérias, e poemas e artes, *Sitra Ahra* apresenta conteúdo de diversas mentes, com diferentes ideias, nenhuma mais certa do que outra, nem mais errada, mas apenas visões do "outro lado". Aqui, nossos colaboradores brasileiros e estrangeiros, escritores, artistas, poetas, músicos, acadêmicos, filósofos e ocultistas mostram o seu lado das coisas, compartilhando, assim, conhecimentos embasados pela experiência, observação e estudo.

Cada colaboração é de grande importância e valor para este trabalho e para os leitores realmente interessados em aprender mais e conhecer diferentes lados de diferentes assuntos, podendo, desse modo, expandir a visão e a consciência.

Portanto, caro leitor, absorva, como um buraco negro, todo o conhecimento "danado" expelido do "outro lado" que apresentamos nesta edição.

SEÇÕES

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
4

ENTRE "ÁSPERAS"
19

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
36

MALDITAS ALMAS
37

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
48

MALDITAS ALMAS
49

COISAS DE DANADOS
57

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
60



O QUE HÁ DO OUTRO LADO



5
SABEDORIA POPULAR? NÃO, ISSO NÃO É ÉTICO

Ética luciferiana

Lilith Ashtart



8
DESCENDO AS VESTES TAMBÉM

A descida de Inanna

Shani Oates



13
O DIABO VESTE PRATA... E RUBI

O Diabo é uma mulher vestida de vermelho

Linda Falorio



21
ZUMBIS TAMBÉM VIVEM, E ELES QUEREM SUA...

Verdadeira vida

Eliane Quintella



27
COM A PALAVRA, O CAPETA

Satanismo. Que diabos é isso?

Morbitvs Vividvs



34
DISCÓRDIA DE ROMANOS E GREGOS

O que sabemos sobre Éris (não muito)

Malaclypse



39
NÃO FALE COM ESTRANHOS POR AÍ

Criaturas da noite

Amyr Cantusio Jr



41
NO PRINCÍPIO... ERA UMA BAGUNÇA

A manifestação do Caos de dentro

Karmaggedom Goat



44
VÁ COMETER OS PECADOS, PARA O SEU PRÓPRIO BEM

O avesso dos vícios

Adriano Camargo Monteiro



51
A MAGIA NEGRA É UMA COISA NÃO NATURAL. VOCÊ QUER?

A abordagem não natural

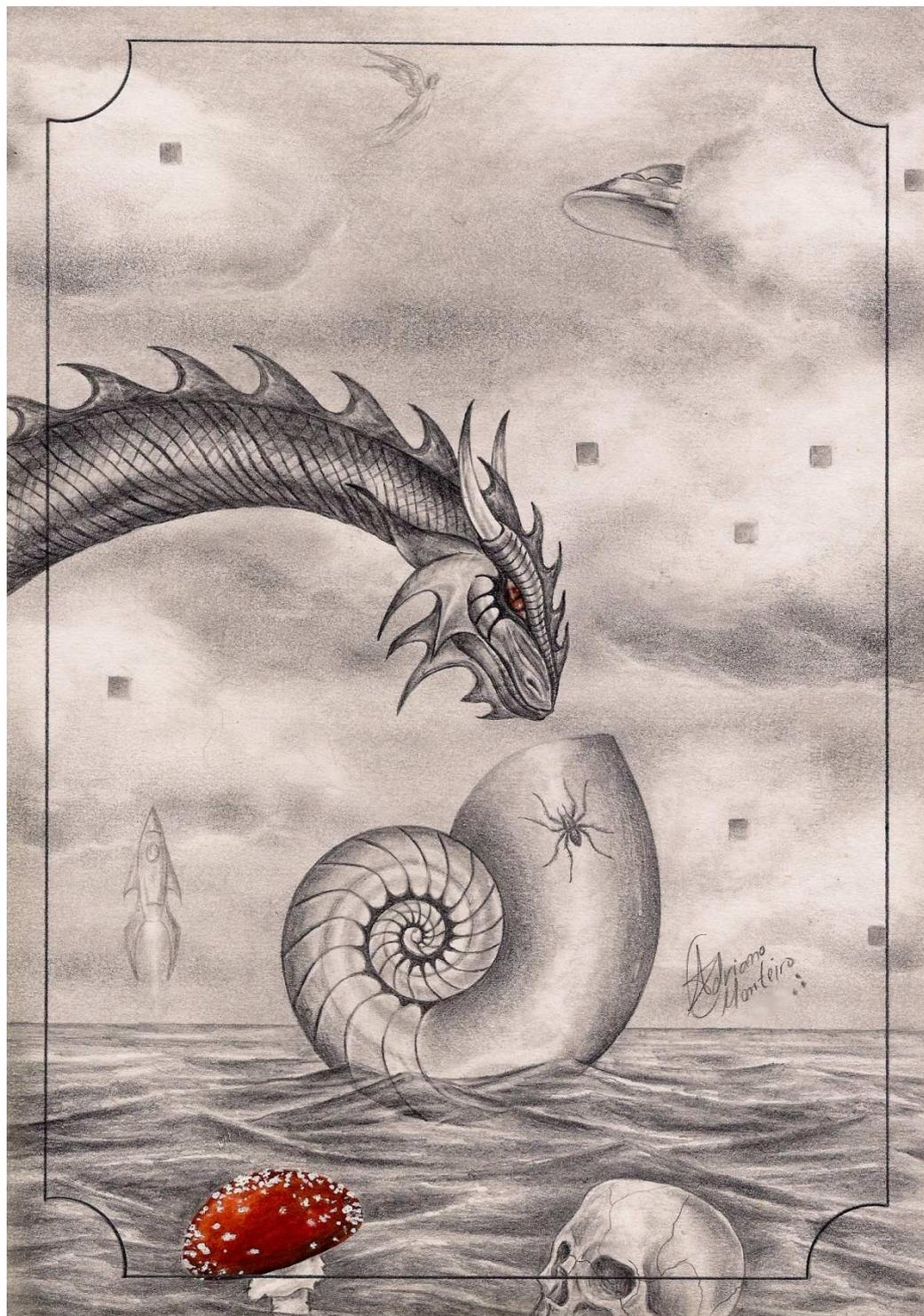
do universo subjetivo *Michael Aquino*



54
EU SÓ ESTOU OBSERVANDO...

Observação de um ente querido

Felipe Galvão



Lucifer Draconis. Adriano Camargo Monteiro.
geocities.ws/imaginariusarte

SABEDORIA POPULAR? NÃO, ISSO NÃO É ÉTICO

Ética luciferiana

Lilith Ashtart

Toda posição ideológica possui um conjunto de valores éticos em comum que a caracteriza, visando fornecer auxílio para a resolução dos dilemas normalmente encontrados durante a vida. Ética, contudo, jamais deve ser confundida com moral. Embora ambas caminhem frequentemente atadas de forma negativa por um laço indissolúvel na maioria das correntes filosóficas e religiosas, no luciferianismo é que encontramos sua exceção.



John Martin

O luciferianismo não impõe normas morais para aqueles que se identificam e buscam seus valores éticos. Isso é justificado pelo fato de a moral se basear em um conjunto de normas concretas que exigem condutas específicas do indivíduo, desrespeitando sua liberdade de formular de modo crítico e consciente suas próprias regras através da análise dos resultados de seus atos na prática, e não segundo supostas consequências predeterminadas.

A palavra deriva do grego, *ethos*, que significa “caráter”. A função da ética é a de orientar a busca individual ao fornecer parte dos subsídios para isso. A ética luciferiana é focada no próprio ser, e não no coletivo. Contudo, leva em conta a relação do ser com o meio que o cerca, para garantir-lhe que dele possa tirar o melhor proveito possível, dominando-o para trabalhar sob sua vontade e para seus propósitos. Dessa maneira, pela ética se almeja o que é o melhor para si, o que nem sempre reflete o melhor para todos. Essa escolha, porém, está sempre baseada em suas consequências finais, de modo que o luciferiano não agirá segundo impulsos e motivações vãs, mas apenas por aquelas que, através de suas análises, se mostrem pertinentes para o avanço ao seu objetivo final. A parte mais importante, esse caminhar, fica sob exclusiva responsabilidade do buscador e sua

capacidade de determinar suas ações, de modo a não provocar nenhuma reação que possa vir a impedi-lo e limitá-lo depois. Os planos devem ser cuidadosamente dosados naqueles, a curto e longo prazo, pois, ao mesmo tempo que não se deve viver apenas para uma situação por vir, não é inteligente entregar-se apenas ao momento de modo que isso atrapalhe qualquer planejamento futuro. Outro fator que permite a existência da ética dentro do luciferianismo, sem entrar em conflito com o mesmo, é sua temporalidade. Estando aberta à inclusão de novos conceitos, devido à sua característica contestadora, ela, ao longo do tempo, vai se transformando e evoluindo, seja individual ou coletivamente.

E quais seriam esse princípio e prática no luciferianismo? Apenas a obtenção do autoconhecimento pelos próprios méritos. Ao almejarmos nossa iniciação, devemos ter em mente que há etapas a serem cumpridas sucessivamente para alcançarmos de modo efetivo a nossa meta. Jamais devemos desejar ou procurar pular essas etapas, pois serão cobradas posteriormente e, uma vez não transpostas em um grau anterior, se tornarão obstáculos capazes de arruinar todo o processo.



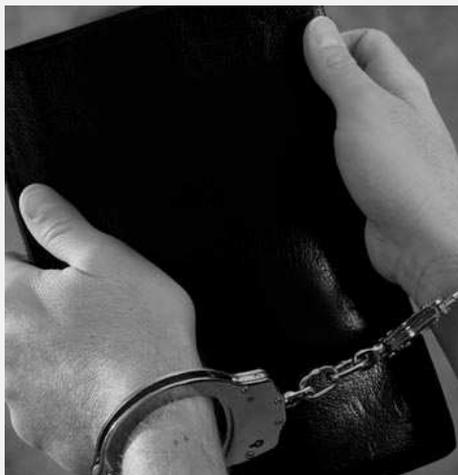
Sendo assim, não há etapas maiores ou mais importantes para desejarmos uma em detrimento de outra. Cada prova será equivalente e essencial ao grau de evolução em que nos encontrarmos, e, por isso, todas são iguais em intensidade no momento em que ocorrem. Não há chances de vitória ao entrarmos em uma guerra antes de termos aprendido a conhecer e utilizar nossas armas. É certo, porém, que quanto mais avançarmos no domínio de seu manejo, maiores serão os inimigos a serem enfrentados, e mais fatais os nossos erros.

Toda etapa é única. Apenas a total compreensão, controle e conseqüente superação das ordálias encontradas nela nos fornecerão subsídios suficientes para a próxima, uma vez que essas virtudes serão constantemente exigidas. É nisso que

reside seu caráter naturalmente seletivo: um conjunto formado por etapas interligadas e interdependentes em relação ao todo, porém, ao mesmo tempo, individuais e completas em suas particularidades. Dessa forma, a superação de uma não significa a conquista do conjunto, e sim de uma parte imprescindível dele. Como conseqüência, a qualquer momento um indivíduo poderá cair perante uma etapa, mesmo que tenha tido sucesso nas anteriores, mostrando que sua natureza e o caminho escolhido não são compatíveis.

Isso ocorre, pois os elementos que fornecem subsídios para se realizarem tais superações apenas serão válidos se, no indivíduo em que se encontram, estiverem presentes como reflexo de sua essência. Os elementos em si mesmo nada significam se forem adquiridos de forma externa e artificial. Se faltar a base que os conduz corretamente e fornece suporte para sua execução, o que restará? É como possuir uma carruagem e um cavalo. Qualquer um pode se locomover utilizando esse conjunto, porém para se conseguir chegar ao destino esperado é necessário, além de um prévio conhecimento de como manejá-lo, possuir força para comandar as rédeas. Qualquer desses fatores que falte, resultará no fracasso da intenção.

As sociedades e, principalmente, as religiões costumam adotar códigos morais com a finalidade de conduzir todos em um único caminho, reprimindo seus instintos e essências para moldá-los segundo suas supostas “verdades”, tornando o ser humano totalmente estranho a si mesmo.



Doravante, nutrida e expressada a fragilidade humana, o campo dos valores culturais e comportamentais alienantes se torna cada vez mais fértil e presente a cada dia que passa, enquanto a essência se apaga e submerge num interior obscurecido e negado da consciência humana. O ópio oferecido à humanidade tomou nova roupagem e invadiu novos espaços, abandonando a exclusividade de ser ofertado pelas religiões para englobar os diversos meios de comunicação que nos cercam, ditando novos ideais e, inclusive, o modelo humano idealizado de forma artificial e supérflua, que se esquece de suas faculdades intelectuais sagradas para focalizar-se apenas no profano.

S

Lilith Ashtart é escritora luciferianista.
astaroth.com.br, [facebook.com/ordoastaroth](https://www.facebook.com/ordoastaroth)

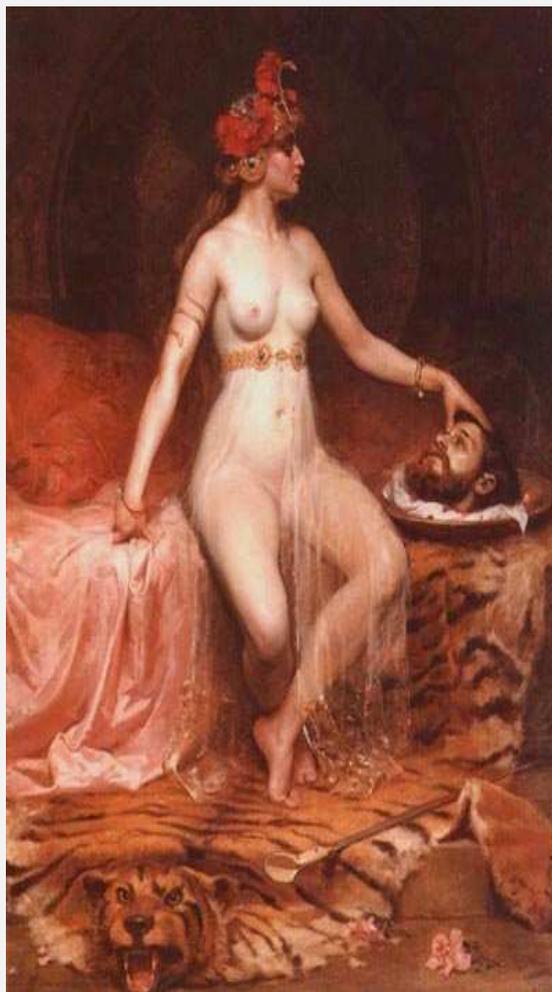
DESCENDO AS VESTES TAMBÉM

A descida de Inanna

Shani Oates

Tradução: Adriano C. Monteiro

A verdadeira origem da infame dança dos sete véus, supostamente executada por Salomé em troca da cabeça de João Batista, é, de fato, um mistério. Muitos estudiosos acreditam que, provavelmente, deriva do folclore e dos mitos orientais judaicos. A própria Bíblia revela pouco: suas pistas se restringem a um punhado de versos em *Mateus* (14:3) e *Marcos* (6:17-29), que mencionam somente a dança da filha de Herodias, que agradou tanto a Herodes que ele ofereceu tudo o que ela desejava, até mesmo metade de seu reino; *Lucas* menciona apenas a prisão de Herodes, e, em *João*, não há qualquer menção sobre o destino de Batista.



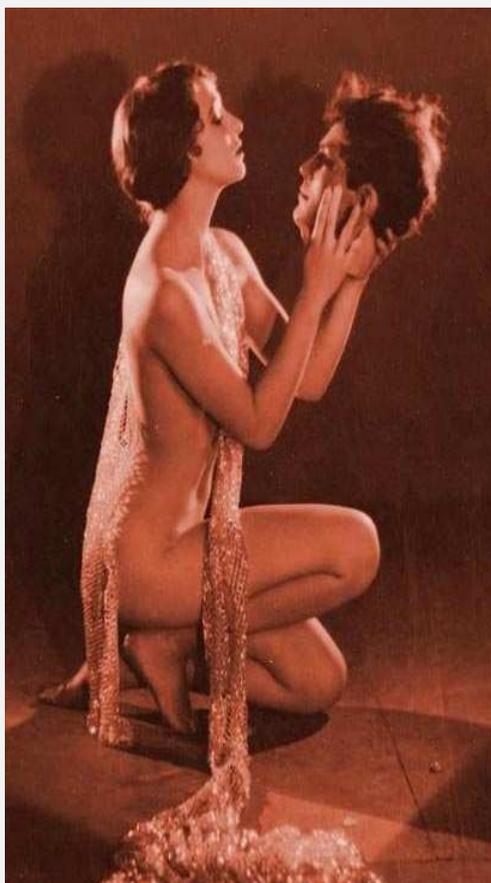
Pierre Bonnaud

A própria Salomé é conhecida apenas por meio dos escritos do cronista judeu do século I, Flavius Josephus, que, em sua obra *Antiguidades judaicas*, vem nos contar que, após a morte de João, Salomé e sua mãe causadora de intrigas, Herodias, foram exiladas (com Herodes) em Lugduno (atual Lyon, França). Dizem que Salomé se afogou ao atravessar um rio gelado e Herodias sobreviveu como uma lenda, sendo identificada, durante a Idade Média, com Diana Nocticula – a Rainha das Bruxas da Noite. Aqui, nós podemos ver claramente exemplos da moralidade cristã justificando o destino dessas duas mulheres, tão desprezadas pela Igreja.

Entretanto, a despeito da omissão da dança dos sete véus ou de sua associação com o erotismo, há nos estudos bíblicos acadêmicos uma

compreensão sobre a dança: quando a palavra “dançar” é mencionada no Velho Testamento, de fato se refere a uma longa tradição de “dança do êxtase”, sobre a qual nenhuma proibição é encontrada. A natureza sagrada de toda dança, entendida como a união do espírito com a divindade, foi aceita como erótica. Além disso, as mulheres que executavam essas danças eram, muitas vezes, hieródulas – sacerdotisas sagradas. Coincidentemente, Inanna (Ishtar) foi a última hieródula, e seu culto no Ocidente foi, por fim, suprimido por cristãos piedosos desejando subjugar a deusa e o poder de todas as mulheres que a cultuavam.

Edwin Hesser



Dançar se tornou devocional, no *Novo Testamento*. Mesmo que eles se esforçassem para esconder o erotismo e a licenciosidade livres, no século IV da era comum os padres da Igreja admitiram ralhar contra a dança. Em uma das mais antigas e influentes histórias acadêmicas da dança, escrita por Louis de Cahusac e publicada em 1754, são citadas sanções históricas emitidas pelo padre Gregório de Nazianzo (330-390 d.C.), que, em sua carta ao imperador Juliano, afirma: “[...] se você se entrega à dança, eu permito [...] mas por que reviver as danças muito licenciosas da bárbara Herodias, que derrama o sangue de um santo [...]”. De fato, uma evidência condenatória para primeiramente compreender a dança de Salomé como uma dança erótica.

Historicamente, é claro, a dança erótica e/ou extática¹ tem sido praticada em todo o mundo por todas as culturas antigas e tão remotas quanto a paleolítica (a Idade da Pedra). A dança de erotismo e de nudez é uma característica comum nas cerâmicas egípcia, romana e grega clássicas. De fato, é certo que em todo o Mediterrâneo e Ásia a dança erótica foi muito celebrada; especialmente o Oriente Médio pré-islâmico nutria uma tão estreita afinidade com a deusa que gozavam os ritos de sexo e fertilidade realizados com dança, música e cerimônias. Nos tempos bíblicos, o eterno feminino era reverenciado no *Cânticos dos Cânticos*, de Salomão, versos eróticos relacionados à Shekinah, a noiva (sabedoria) de Deus.

Com o surgimento do patriarcado, sacerdotes jeovistas demonizaram as antigas deidades femininas, incluindo o espírito sumeriano do vento, Lilith,

¹ NT: De êxtase.

que se transformou em súcubo; Inanna (Ishtar) foi transformada em uma meretriz (a Prostituta da Babilônia); a Shekinah se tornou “virginalizada” e silenciosamente desapareceu, sobrevivendo na cabala mística judaica, porém frequentemente patriarcalista. Assim, essas deusas entraram no reino do folclore e da lenda, demonstrando essa condição desejada e detestada do feminino. Há muitos contos sobre mulheres sedutoras na *Midrash* judaica (estudos das lendas hebraicas), e muitos dizem respeito a mulheres bíblicas, incluindo Salomé.

No *Alfabeto de Ben Sira*, escrito durante os séculos 7 e 10 d.C., uma série de comentários fazem julgamentos rigorosos sobre os elementos sedutores da Bíblia hebraica (a *Torá*). Naturalmente, artistas buscando inspiração nesses e em outros textos antigos têm criado trabalhos artísticos que representam um registro de como a história tem percebido os eventos bíblicos e mitológicos.



Estátua de Inanna-Astarté.

A Europa renascentista não foi exceção. Além disso, com a queda de Constantinopla uma onda cultural cobriu o Ocidente, da qual reavivamos nossa fascinação pelo oriental e exótico até a virada do século XIX. Imagens prolíficas exibiam a forma feminina em vários estágios de nudez, muitas vezes sujeitas mais à imaginação do artista do que à precisão histórica. Várias dessas imagens ligavam a descida de Inanna (Ishtar) ao uso dos véus e à dança.

Entretanto, na Turquia, é sabido que as dançarinas de haréns, enquanto dançavam, usavam lenços de seda para flertar e provocar os sultões. Essa dança era chamada de *kaytan oyuna amors*. A dança turca moderna ainda mantém o véu, apesar da mudança do seu uso cultural, o qual, nos países islâmicos, é agora visto como uma veste do pudor. Mas deve ser lembrado que não era assim na época bíblica de Salomé. O mais interessante de tudo é uma dança persa, do povo nômade *qashqai*, chamada *raqs-e haft dastmal*, a “dança dos sete lenços”.

Afinal de contas, não está claro se Oscar Wilde realmente inventou o termo “dança dos sete véus”, embora pessoalmente eu sinta que isso seja muito improvável, já que Wilde era um homem muito bem-educado, versado em mitologia e tradições do mundo antigo. Além disso, ele tinha boas relações com os judeus, tradicionais e místicos, estando a par de um ponto de vista cultural particular do mundo cristão ocidental. Ele poderia, portanto, ter apenas inserido em sua controversa peça *Salomé* uma simples nota de cena, em que é pedido a ela realizar o que, para ele, era um

conhecimento recebido (compreendido). Infelizmente, para Wilde e Strauss², o ultraje moral de uma sociedade sexual e paradoxalmente ambígua suprimiu agressivamente as percepções crescentes dos artistas e visionários de várias centenas de anos. Pornógrafos e feministas ainda debatem calorosamente sobre a precisão histórica dessa dança. Enfim, cada geração de estudiosos irá explorar aqueles elementos que apoiam seu próprio ponto de vista teleológico³.



O Portal de Ishtar, na Babilônia.

O fundamento dessa dança é a descida de Inanna (Ishtar) através de sete portais, e é um dos maiores mitos do mundo antigo já revelados. Historicamente, há duas versões principais escritas em cuneiforme⁴ e encontradas na Mesopotâmia. Datados de cerca de 2500 anos, eles narram como a deusa sumeriana Inanna (posteriormente conhecida, na segunda versão, como Ishtar, após as invasões acadianas da Idade do Bronze), fez uma jornada épica para o submundo. Na primeira e

mais antiga versão, a deusa tutelar deseja ganhar os segredos da morte e da vida após a morte; o segundo conto relata como ela busca resgatar seu amante Tammuz (Dumuzi) em um rito de fertilidade perene – de qualquer modo, sua viagem exigia a entrada em uma série de sete portais, sobre os quais os estudiosos dizem representar os sete estágios de nossa humanidade.

Em cada portal, um a um, os véus são retirados, o que permite a completa sublimação do ego. Esses véus podem ser vistos como metáforas, tanto com relação aos aspectos materiais de nosso mundo material que envolve e circunda nosso corpo físico, como aspectos do subconsciente, os quais, quando removidos, revelam nosso verdadeiro Eu. Isso, de fato, é uma análise de muito valia e verdadeira do antigo conto. Entretanto, acredito que seu contexto original revela ser esse conto mais ritualístico, uma ferramenta *mágicka* que nos mostra uma jornada através dos sete estágios da consciência alterada para propósitos elevados.



² NT: Richard Strauss, compositor alemão.

³ NT: Estudo dos fins, das finalidades, dos propósitos e dos objetivos de todas as coisas.

⁴ NA: Textos simples escritos pressionando-se sobre tabuletas de argila úmida um estilete ou buril em forma de cunha feito de cana ou junco.

A deusa Inanna é pouco familiar nos Mistérios de Morte e Renascimento; ela tem somente as virtudes da vida e da fertilidade e assim busca entrar nos Mistérios.

A cada um dos sete portais do Inferno, a deusa hesita e pede permissão para entrar. Ela é desafiada a tirar suas joias, insígnias reais, tudo o que liga o seu espírito ao mundo material. Pois somente assim, “nus”, podemos entrar nos salões da eternidade.

*Do Céu, Inanna teve a percepção do Inferno
Minha senhora abandonou o Céu e a Terra
Para descer ao Submundo.
Ela abandonou seu ofício de sacerdotisa
Para descer ao Inferno.
Juntou as forças do Céu e da Terra em suas mãos.
E, com os poderes celestiais e terrestres,
Ela se preparou e partiu para o Submundo...*

Assim como agora nos aproximamos do Submundo para lutar e aprender encarando a “morte”, o outro eu, o equilíbrio entre a luz e a escuridão interiores, aqui somente aprendemos o verdadeiro ciclo da vida e descobrimos nosso merecimento para receber a divindade.

É importante lembrar-se também de Neith, a mais antiga e sábia deusa egípcia. Embora fosse originalmente uma deusa da guerra de Saís, era uma deusa universal que mantinha ligações com os mortos. Seu símbolo das flechas cruzadas representa a luta entre os opostos, o paradoxo de vida e morte, destino e sorte, luz e sombras. Ela era a personificação do eterno feminino e dos Mistérios. Seu papel, mais tarde, foi usurpado pelo nascente culto de Ísis com seus seguidores atribuindo à nova e popular deusa muitos dos epítetos de Neith, incluindo “O Ritmo da Eternidade”, “O Levantamento do Véu”...

S

Shani Oates é escritora, ocultista e atual líder do Clan of Tubal Cain.
clanoftubalcain.org.uk

O Diabo é uma mulher vestida de vermelho

Linda Falorio

Tradução: Aristerá

No *Tarô das Sombras*, A'ano'nin fala sobre o lado negro do Atu XV, *O Diabo* dos tarôs tradicionais. *O Diabo*, conhecido nos estudos esotéricos da Golden Dawn¹ como “O Senhor dos Portões da Matéria” e “A Criança das Forças do Tempo”, está sob a regência do planeta Saturno, Cronos, Guardião do Tempo, oitava superior da Lua², como representante dos ritmos lentos e inexoráveis da natureza. Em termos alquímicos, Saturno está relacionado às qualidades do chumbo, à densidade e ao peso da matéria, à solidez da terra, à força gravitacional que nos mantém sobre o planeta, bem como ao núcleo incandescente fundido da Terra.



A'ano'nin, carta do *Tarô das Sombras*, de Linda Falorio. O lado “noturno” do arcano *O Diabo*, do tarô tradicional.

Saturno, o planeta mais afastado de conhecimento da Antiguidade, estabeleceu os limites do então conhecido cosmos e também definiu nossas vulnerabilidades e limites pessoais, físicos e psicológicos. Onde a Lua, o satélite luminoso da Terra, nutre a vida terrestre, o sombrio e distante Saturno define as limitações inerentes à estrutura e à forma da vida. Frio e escuro, Saturno é atribuído ao norte geofísico, a direção de onde a energia orgônio³ flui para a nossa vida, perceptível também como a pulsante aurora boreal. Assim, Saturno é associado ao inverno, em dezembro, no hemisfério norte, quando o Sol entra em Capricórnio, signo nativo de Saturno.

¹ NE: Ordem da Aurora Dourada.

² NE: Relacionada às qualidades da prata (psicoalquimicamente) e do rubi (quando a mulher está na fase menstrual).

³ NE: Termo criado por Wilhelm Reich (1897-1957) para a energia vital (*prana, chi, pneuma*).

No *Tarô das Sombras*, o Diabo, embora imaginado muitas vezes com uma figura tipicamente masculina, ele nos mostra uma face feminina como o deus egípcio do deserto com cabeça de asno, Set – e Shaitan –, aquele que os yezidis⁴ cultuavam voltados para o norte. Nessa carta, encontramos a alma escravizada aos sentidos e à Terra: a matéria regendo o espírito. Ainda que no tarô tradicional a ideia de matéria dominando o espírito



tenha sido vista como algo mau, no *Tarô das Sombras*, nós vivenciamos essa experiência como uma condição a ser buscada. O feminino tem sido há muito tempo difamado, e ainda há verdade nisso, pois se a existência terrena é vista como um mal a ser suportado no caminho para algum paraíso celestial, o feminino tem, ao menos, dois papéis: aquele de psicopompo⁵ virginal, conduzindo a alma a Deus⁶, como Beatriz fez com o poeta Dante Alighieri; ou como “a tentadora”, levando a alma para longe de Deus, atando o homem à Terra, como se esta fosse o portal físico para o mundo material da sensualidade e da satisfação do desejo animalesco, por meio de um sutil trabalho de hormônios do corpo feminino. Na verdade, “matéria” é equivalente à “mãe”, pois é

ela que reveste de forma todas as coisas; é ela que mantém o desenvolvimento do feto em seu corpo. Assim, é ela que nos impõe nossos limites e nos mantém à realidade.

A'ano'nin nos chama para a luxuriante dança do espírito vestido de forma. A alma é impulsionada para a encarnação por meio do desejo. Excitados pelo arrebatamento dos sentidos, o fascínio lançado sobre nós pelo nosso adorável planeta nos liga às bênçãos da Terra, e caímos no Tempo para nos deleitar na alegria da existência física.

No pentagrama – a estrela de cinco pontas –, vemos um antigo selo de proteção. Ele representa os quatro elementos, para os antigos – fogo, água ar e terra –, cujas infinitas combinações constituem o universo manifestado coroado pelo quinto elemento, o espírito, ao qual a humanidade aspira.



⁴ NE: Grupo étnico do norte do Iraque, praticante de um culto a uma entidade chamada Melek-Taus, o “Anjo Pavão”.

⁵ NE: “Guia das almas”.

⁶ NE: Aqui, “Deus” jamais deve ser entendido no sentido deturpado judaico-cristão.



Invertido, o pentagrama se torna o símbolo de Pater Pan: “Pânfago, Pangenitor, Pai de Tudo, Gerador de Tudo”. Ele representa o espírito gerador da terra fértil, o Deus da Pata de Cabra, Cernunnos, Capricórnio, Saturno – o Diabo, se assim você quiser –, nenhum outro senão o deus que “tem uma força espiral”, o espírito de *A’ano’nin*, que nos liga à vida.

Na carta de *A’ano’nin*, Set, o deus de cabelos vermelhos que representa a paixão carnal e a luxúria, aparece como a sedutora Mulher Escarlata, ou *suvasini* (“mulher de cheiro adocicado”), cujo corpo exala poderosas essências de feromônio. Isso afeta as regiões límbicas do cérebro dos mamíferos primitivos que regulam os níveis mais básicos do comportamento instintivo. Sabe-se, há muito tempo, que mulheres que convivem e trabalham juntas tendem a menstruar no mesmo período. Isso é devido à liberação de hormônios em certas fases do ciclo menstrual – a biologia de uma mulher desencadeia a de outra, tudo tomando o seu devido lugar abaixo do nível de consciência. Nessa carta, as emoções elevadas e a intensificação dos



sentidos causada por essa estimulação do antigo rinencéfalo⁷, conhecido também como “nariz do cérebro”, através do sentido primitivo do olfato, são graficamente descritas. Sátiros e faunos são encontrados saltitando na engendrada alegria priápica, em uma Saturnália selvagem de paixão e desejo para a qual Set faz o sinal de bênção. Esse carnaval pagão (do latim, *carnem levare*, “deixar a carne de lado”, no sentido de “comida”) era celebrado no fim de dezembro, o mês de Capricórnio, por sete dias antes do solstício de inverno. O festival geralmente começava no dia 15 de dezembro (o interessante é que 15 também é o número do arcano maior *O Diabo*, Atu XV) e comemorava-se a regência de Saturno, o caridoso rei etrusco da lendária Idade de Ouro da paz, da prosperidade e da felicidade universal, onde a ganância era desconhecida, não existiam sequer a escravidão ou a propriedade privada, e a cidadania era exercida para todas as coisas em comum. O festival da Saturnália era marcado por banquetes, festas, folia e uma louca busca por prazer, em que mestres trocavam de lugar com seus escravos e todos comiam sentados à mesa, juntos, mantendo viva a ideia de igualdade. Além disso, guerras não poderiam ser declaradas e execuções eram adiadas. Nessa época, como hoje em dia, era tempo de dar e receber presentes.

⁷ NE: Porção do cérebro relacionada ao sentido do olfato.

Mas havia um lado mais sombrio na Saturnália romana. Era também um período de permissividade, quando as restrições habituais das leis e da moral eram deixadas de lado, quando todos se entregavam ao prazer e era dada vazão às paixões sombrias, o que não seria permitido no transcurso calmo e sóbrio da vida comum. Permitia-se à personalidade humana dissolver-se em loucura, alimentando-se do mundo sombrio dos sentidos, como as mênades⁸, que se banquetavam sobre as suas vítimas, despedaçadas na adoração extática de seus deuses.



Apesar de a Saturnália ser um festival antigo, traz uma notável semelhança com as atuais práticas nativas daqueles que vivem nas altas montanhas dos Andes, no Peru. Em certas épocas do ano, esses nativos realizam festivais selvagens acompanhados de muita mastigação de folhas de coca. Durante o festival, eles tocam flautas de pã⁹ e percussão, ficam noivos em ritos eróticos públicos, entram em lutas sangrentas e bebem cerveja de milho e conhaque durante toda a noite, até que o estupor seja atingido.



O Diabo, um arcano difícil de ser interpretado, tem sido muitas vezes explicado como a alma ou o espírito em servidão aos sentidos e à Terra. Quando essa carta está ativa em nossas vidas, nota-se que está relacionada a situações envolvendo poder e controle, restrição e submissão, e há competição, ganância e ambição material ao máximo. Métodos podem ser dissimulados, envolvendo manipulação sutil e

necessidade de “ser político” para ganhar o jogo. Assim, *O Diabo*, Capricórnio, pode ser visto como o arquétipo do indivíduo da sociedade. Ele acredita em hierarquia, trabalho duro e tradição; acredita no controle das paixões e das emoções animais, no autocontrole e na submissão à autoridade; ele sacrifica a própria individualidade em prol do bem comum. Isso, em sua mais alta expressão, dá suporte à criação da sociedade, na qual o espírito humano pode ser mantido e nutrido.

⁸ NE: Bacantes, adoradoras lascivas, histéricas e violentas de Baco (Dioniso, para os gregos), o deus romano da fertilidade, do vinho, do êxtase, da vida e da morte.

⁹ NE: Conhecidas também como zamponhas.

Como toda ideia contém em si a semente do seu oposto, *O Diabo* como *A'Ano'Nin* se torna o espírito animal primitivo, indomado e luxurioso dentro de nós, essa cega e extática¹⁰ força da natureza que é uma expressão de fertilidade e abundância da Terra. Mas tal expressão de liberdade e alegria humana é temida como *soberba excessiva*, o que representa um perigo social, ameaçando os conceitos de hierarquia, estrutura, autoridade e controle sobre as bases sociais. Portanto, a fim de funcionar e sobreviver, uma sociedade impõe limites ao comportamento individual definido como nocivo para o bem comum do grupo. Além disso, se não for para trazer anarquia e caos, deve haver um consenso de significado, um acordo sobre qual é a sua razão de existir, bem como seus planos e propósitos.



O indivíduo, uma vez que tenha se tornado um perigo para o *status quo*, provocando ansiedades que podem levar ao caos e à incerteza, deve ser reprimido e trazido para o controle social. A sociedade, para justificar suas ações para preservar seu poder e estrutura, apela para as instituições da Igreja e do Estado e para a Medicina, definindo tal indivíduo como “pecador”, “criminoso” ou “louco”, no velho jogo do “culpe a vítima” ou do “bode expiatório”.

A submissão a uma hierarquia morta, que parou de dar sentido ao contexto social, além do imperativo ideológico de preservar a própria capacidade de perseguir a ganância e a ambição material, gerou pobreza de espírito, desesperança, desamparo e depressão, do que se pode esperar, conseqüentemente, explodir em violência, raiva e agressão, ameaçando a estrutura de poder com a incerteza e o caos que ela tanto teme.

Não é de se surpreender que essa liberação de energias reprimidas, tais como encontramos na antiga Saturnália, ou nos ritos peruanos modernos, comumente se degenerava em orgias selvagens de luxúria e crime, nas quais talvez possamos identificar um antigo tipo de prática perturbadora conhecida como “selvagem”. Ainda, a louca farra de agressões de gangues antissociais sem propósito também pode ser vista como um resultado da repressão individual por uma sociedade sem muito significado além de buscar a ganância material que, em vez de nutrir o espírito humano livre, acaba por tolher a expressão criativa, gerando, assim, a raiva e a violência.

Quando nos encontramos atados por tal sistema repressivo, em vez de completar o ciclo da repressão-depressão-raiva-violência, devemos desenvolver a habilidade de ver além da sabedoria convencional, observando silenciosamente o *status quo*; devemos enxergar além das

¹⁰ NE: De êxtase.

limitações artificiais da sociedade por seu comportamento. Em vez de explodir em fúria contra nossos repressores, talvez, então, possamos nos libertar em alegria para seguir o caminho com o coração, o preceito de nosso espírito e de nossa Vontade.



Linda Falorio é escritora ocultista e artista, autora da obra *The Shadow Tarot*.
anandazone.nu



A vida termina onde o 'reino de deus' começa.
Friedrich Nietzsche

Em geral, chamamos de destino às asneiras que cometemos.
Arthur Schopenhauer

*O tédio é de uma felicidade primária demais!
E é por isso que me é intolerável o paraíso.*
Clarice Lispector

Muitas ovelhas dóceis têm um cruel espírito de porco.
Drido Monteiro

O universo não tem notícia de nossa existência.
José Saramago

*A vida é puro ruído entre dois silêncios abismais.
Silêncio antes de nascer; silêncio após a morte.*
Isabel Allende

*Manejar sabiamente uma língua
é praticar uma espécie de feitiçaria evocatória.*
Charles Baudelaire



O diabo veste-se, algumas vezes, de sérias razões para odiar.
Doménico Cieri

A morte parece menos terrível quando se está cansado.
Simone de Beauvoir

*Religião: uma filha da Esperança e do Medo,
que explica à Ignorância a natureza do Desconhecido.*
Ambrose Bierce

*Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isso?
E a resposta é: não é só isso, é exatamente isso.*
Clarice Lispector

*Esse Deus precisava morrer! O homem não suporta
que uma tal testemunha continue viva.*
Friedrich Nietzsche

*Julgas tu, por acaso, que as cinzas
dos mortos se preocupam com as coisas dos vivos?*
Virgílio

”



ZUMBIS TAMBÉM VIVEM, E ELES QUEREM SUA...

Verdadeira vida

Eliane Quintella

A maior parte da sociedade dorme. Zumbis cibernéticos, zumbis consumidores, zumbis sadios, zumbis estéticos, zumbis *workaholics*, zumbis de tudo quanto é tipo povoam a Terra. Eles são tantos que, com seus pensamentos, manias e preocupações, na maior parte das vezes de ordem fútil, banal e prática, quase nos atropelam. Mas, felizmente, ainda há boa parte de nós que mantém os olhos abertos para se desviar, sempre que necessário, de tudo isso que é sempre tão prejudicial à nossa essência.



A sociedade zumbi se desconectou da vida; ela preza a segurança como valor absoluto acima da *verdadeira vida*. Se falássemos para os gregos antigos, que celebravam a vida acima de tudo, que existiria um tempo em que o ser humano valorizaria muito

mais uma vida besta, sem graça e tacanha em vez de uma *verdadeira vida*, autêntica e proveitosa, eles se chocariam, talvez nem acreditassem. Mas hoje é tempo de capacetes, doces sem açúcar, cerveja sem álcool, sexo sem prazer, trabalhos sem satisfação, e por aí vai. Não estou dizendo que a segurança é ruim e ponto-final. Estou alertando que ela pode ser venenosa toda vez que deixamos de fazer o que amamos, toda vez que ignoramos nossa essência, toda vez que abdicamos de nossa verdadeira vontade em seu nome. Sim, sempre que fizermos isso estaremos matando a nós mesmos e nos ligando ao mar de zumbis desta Terra.

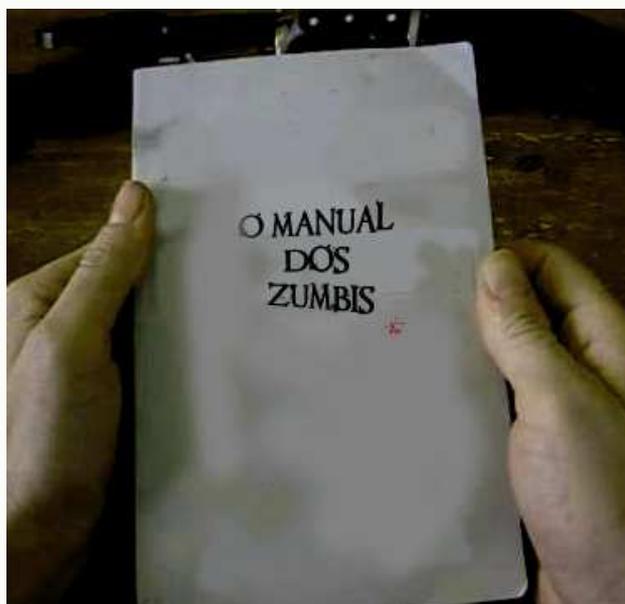
As pessoas não estão despertas para quem elas são, para o que vieram fazer aqui, e não enxergam a própria essência divina. E talvez seja por isso que se soterram em um mar de lamentações e obrigações odiosas e sem valor. São vítimas voluntárias, escolhem ser seus próprios carrascos, e toda vez que têm chance, se anestesiaram dessa realidade horrenda que criaram para si por todo tipo de prazer fugaz, falso e instantâneo, como conversas vazias com pessoas virtuais, programas televisivos



imbecis e tantas outras formas de alienação que inventaram para si mesmas, todas muito distantes da *verdadeira vida*.

Esses zumbis se recusam a ouvir seus instintos, seus sentimentos, suas emoções, procuram guiar toda a vida apenas por manuais científicos, supostamente modernos, atuais e perfeitos, que ignoram, muitas vezes, o mais importante: somos humanos e estamos aqui para viver quem somos, viver nossa essência, viver a *verdadeira vida*. São tão cegas essas pequenas criaturas, que cometem suicídio sem nem mesmo saber. Escravizam e depois matam a própria alma de tanto sufocá-la – a ignorância é ululante. Eles não se dão conta de que, ao valorizar e viver conforme tudo o que é externo e alheio a si mesmos, matam sua própria essência divina, a única coisa que deveria ser consagrada e protegida a todo e qualquer custo, sempre. E matam, é claro, qualquer chance remota que teriam de viver a *verdadeira vida*. A desconexão com a vida é tão perigosa que tornou os zumbis incapazes de viver.

Sim, a maior parte das pessoas não sabe viver, não sabe mais comer, nem dormir; para tudo o que deveria ser tão natural e espontâneo, hoje precisa de algum manual científico. Tudo precisa ser racionalizado o tempo todo. Será que não estamos vivendo em um tempo de excesso de racionalismo? Ouso dizer que sim. Sentir passou a ser perigoso, sim, pois você pode se ferir ou escolher um caminho inseguro. Tudo o que não pode



ser condensado, explicado e justificado em manual lógico, prático e racional nesses tempos deve ser descartado. Isso mesmo. Afinal, a segurança é o maior valor desse mundo zumbi. Os despertos que estão lendo este artigo perceberão como essa busca pela segurança é mais do que perigosa, é assassina da *verdadeira vida*.

Tudo leva a crer que essa racionalização excessiva se intensificou pela busca infinita desse ideal de segurança. O ser humano, curiosamente senhor da Terra, tornou-se a criatura mais medrosa de todas no momento em que decidiu que preferia a segurança à sua própria vida – no momento em que decidiu morrer em vida.

Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, diz sabiamente:

Ingenuamente, querem, acima de tudo, no fundo, apenas uma coisa: que ninguém lhes faça mal. São, assim, obsequiosos como todos e lhes

fazem bem. Isto, porém, é covardia – muito embora se chame “virtude”. – E se, alguma vez, fala em voz grossa, essa pequena gente: eu ouço nela somente sua rouquidão – pois qualquer corrente de ar os enrouragece. Sagazes, são eles, e suas virtudes têm hábeis dedos. Mas falta-lhes o punho, seus dedos não sabem ocultar-se atrás de punhos. Virtude é, para eles, o que torna modesto e manso; com isto, transformaram o lobo em cão e o próprio homem no melhor animal doméstico do homem.¹



E por que o mundo hoje exige e quer o racional, o lógico e o prático? Porque é mais seguro. E tudo o que é irracional, ilógico e trabalhoso há que ser descartado sempre. Mas quando se faz isso, quase não sobra razão para viver, pois se mata a *verdadeira vida* e sobra só uma coisa torta que não se pode, em sã consciência, chamar de vida. Que razão há para viver se o prazer é negado? Que razão há para viver se não se pode seguir sua própria e verdadeira vontade? Que razão há para viver se quem você é deve ficar oculto nas sombras? Que razão há para viver se tudo aquilo que pulsa dentro de você deve ser

menosprezado? Diga-me de que vale passar a vida sem ser quem você é, sem viver a vida que deveria viver, vencer os desafios que o levarão a se superar? De que vale a vida dentro de uma redoma infectada de covardia?

Nem tudo pode ser racionalizado; muito menos podemos deixar que essa racionalização excessiva oriente nossas decisões mais importantes, calando nossa essência divina. Não somos máquinas para viver de acordo com manuais e tabelas. Especialmente naquilo que realmente nos importa, devemos ouvir nossa essência divina – e por que não chamá-la de voz da alma?

Aos racionalistas de plantão, eu sinto informar que sempre foi o lado irracional que moveu o homem a fazer maravilhas. Ele, sentindo a energia divina que o habita, é levado a fazer aquilo que pulsa em seu coração. E, surpreendentemente, mesmo frente a toda sociedade que dizia ser impossível, mesmo diante de todos os desafios que pareciam insuperáveis, ele consegue. Por quê? Não precisamos ser tão racionais a ponto de querer

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 206.



Richard Westall

explicar tudo. O fato, entretanto, é que são as pessoas loucamente divinas que acreditam que são alguma coisa, que querem alguma coisa, que têm a força irracional, ilógica e certamente nada prática para persistirem dia após dia contra tudo e todos e efetivamente conquistarem essa alguma coisa. São elas que criam as maiores invenções, que superam as maiores barreiras e que inventam as mais belas artes. Elas não queriam ser práticas, lógicas ou racionais para tudo como todo o restante da sociedade – elas queriam ser seus próprios deuses, ditar suas próprias regras, acreditar em suas próprias convicções, queriam se conectar ao

divino que lhes habitava. E, percebendo-se divinas, viram que podiam tudo. Eram criadoras da própria existência.

Tem alguma lógica, praticidade ou razão em tudo o que eu disse? Felizmente, não. Mas tenho certeza de que os despertados me compreenderão, pois mantêm sua essência divina acesa.

Nietzsche vê nobreza no instinto humano:

A natureza vulgar se caracteriza por nunca perder de vista a sua vantagem e pelo fato de esse pensamento de uma vantagem e uma finalidade ser até mais forte que os mais fortes impulsos nela existentes: não permitir que esses impulsos a desencaminhem para ações despropositadas – eis sua sabedoria e seu amor-próprio. Comparada a ela, a natureza superior é a mais insensata: – pois o indivíduo nobre, magnânimo, que se sacrifica, sucumbe mesmo a seus instintos, e em seus melhores momentos a sua razão faz uma pausa. [...] Esse possui alguns sentimentos de prazer e de desprazer tão fortes que o intelecto tem de silenciar ou de servi-los.²

Ele também vê força no homem que opta por viver suas paixões:

Até agora foram os espíritos fortes e maus que fizeram a humanidade avançar mais longe: eles sempre inflamaram as paixões que adormeciam – toda sociedade em ordem faz adormecerem as paixões –, eles sempre despertaram o senso de comparação, de contradição, do gosto pelo novo, ousado, *inexperimentado*, eles obrigaram os homens a contrapor opiniões a opiniões, modelos a modelos.³

² NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012. p. 54 e 55.

³ *Idem*, p. 56.

A questão é que nossos conterrâneos dormentes não percebem que é nosso lado irracional que nos torna divinos e, por isso, criadores da nossa própria existência. A excessiva racionalização é vastamente criticada por Nietzsche, pois ele percebe que a vida perde. É por isso que ele é um crítico ácido do pensamento socrático-platônico. E realmente qual é a glória de querer racionalizar tudo o tempo todo, até o próprio prazer?

Há algo na moral de Platão que não pertence propriamente a Platão, mas está ali apesar dele: quero dizer o “socratismo”, para o qual Platão era demasiado aristocrata. “Ninguém intenta fazer dano a si mesmo; por isso, todo o mal acontece involuntariamente. O que procede mal prejudica a si mesmo; não o faria se soubesse que o mal é mal. Por conseguinte, o mal é mal por erro; tire-se-lhe este erro, e necessariamente se tornará bom”. Tal modo de arguir fede a plebe, a qual não vê senão as mesquinhas consequências do fato, e julga propriamente que é tolo “proceder mal”, quando identifica singelamente o bem como o “útil” e como o “agradável”.⁴

Às vezes, tudo o que queremos é (por que não?) satisfazer nossa vontade, ainda que possa causar mal a nós mesmos, pois isso nos dá prazer. Dostoiévski⁵ se atentou para isso e, no seu livro *Memórias do subsolo*, questiona sabiamente:

Uma vontade que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isso constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido à qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos! E de onde concluiram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade normal, virtuosa? Como foi que imaginaram que ele, obrigatoriamente, precisa de uma vontade sensata, vantajosa? O homem precisa unicamente de uma vontade independente, custe a esta o que custar essa independência e leve aonde levar. Bem, o diabo sabe o que é essa vontade...

E quem pode dizer com toda absoluta certeza que o que é nocivo para nós é realmente mau? Quem pode dizer que alguma vantagem, racionalmente considerada, será de fato boa? Quem pode querer orientar toda a nossa vida por raciocínios exatos e científicos e com isso extrair todo o nosso prazer e vontade?⁶

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 101.

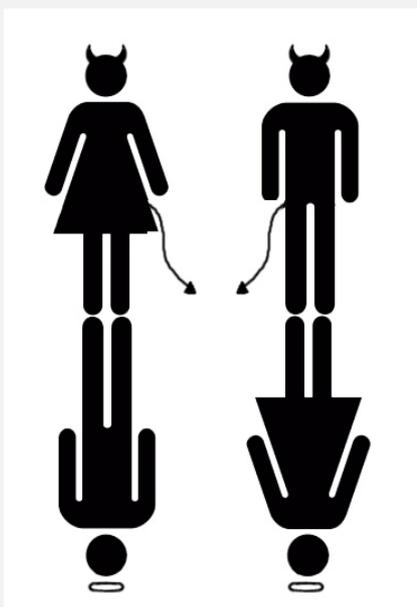
⁵ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 39.

⁶ *Idem*, p. 40: “De fato, se a vontade se combinar um dia completamente com a razão, querer algo desprovido de sentido e, deste modo, ir conscientemente contra a razão e desejar aquilo que é nocivo a nós próprios... E visto que todas as vontades e todos os raciocínios podem ser realmente calculados – pois algum dia hão de descobrir as leis do nosso suposto livre-arbítrio –, então, deixando-se de lado as brincadeiras, será possível elaborar uma espécie de tabela, e nós passaremos realmente a desejar de acordo com esta.”

O homem precisa de sua independência e, por que não dizer, de sua liberdade? Também precisa decidir querer deixar sua zona de conforto por sua própria vontade e se lançar ao mundo senhor de si mesmo. Nesse momento, ele abrirá sua visão, perceberá que é a tormenta que ele supera que o deixa mais forte; que as mais lindas flores precisam da escuridão para crescer; que é a perda, a angústia, o sofrimento e tudo aquilo que pode parecer odioso que o despertam para a *verdadeira vida*. Às vezes, nosso pior pesadelo é justamente aquele remédio que estávamos precisando para alcançar aquilo que mais queríamos. É a morte que nos mostra o que é relevante na vida. É o fracasso que nos dá coragem para arriscarmos. O mal é, muitas vezes, nosso maior bem.

Mais uma vez, Nietzsche nos mostra:

O mal. – Examinem a vida dos melhores e mais fecundos homens e povos e perguntem a si mesmos se uma árvore que deve crescer orgulhosamente no ar poderia dispensar o mau tempo e os temporais; se o desfavor e a resistência externa, se alguma espécie de ódio, ciúme, teimosia, suspeita, dureza, avareza e violência não fazem parte das circunstâncias favoráveis sem as quais não é possível um grande crescimento, mesmo na virtude? O veneno que faz morrer a natureza frágil é um fortificante para o forte – e ele nem o chama de veneno. (NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. p. 67.).



Por tudo isso, eu me recuso a concordar com essa visão de bem e mal que a sociedade insiste em carregar. A sociedade, nessa busca pela segurança excessiva, sempre querendo nunca sofrer nenhum mal, sempre protegendo seus queridos de todo e qualquer fracasso, frustração e desafio, cria e alimenta uma legião de fracos, de zumbis, mortos em vida, que, justamente não encontrando nada por que lutar na vida, nada que valha a pena viver dentro de sua redoma covarde, dormem continuamente.

O bem e o mal são uma ilusão. Contudo, esses zumbis não percebem que o dito mal é necessário para que eles próprios se superem, vivam aquilo que são de verdade e alcancem seu objetivo nesta vida e vivam, assim, a *verdadeira vida*. Não percebem que devem viver seu lado irracional e divino ainda que não seja lógico, racional, sensato, prudente ou prático, pois é assim que viverão a *verdadeira vida*. E é por isso que dormem profundamente um sono sem sonhos.

S

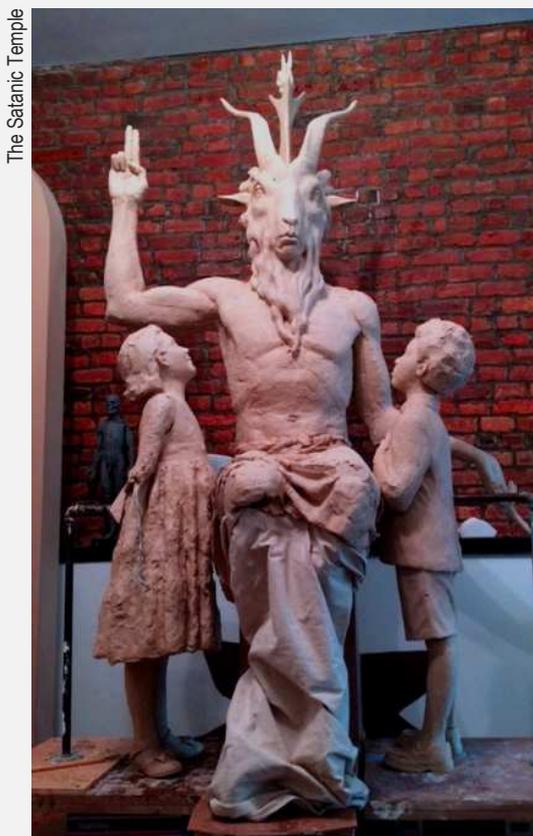
COM A PALAVRA, O CAPETA

Satanismo.

Que diabos é isso?

Morbitvs Vividvs

Ste é, de fato, um texto sobre satanismo. Mas a primeira coisa a se aprender é que, se você quiser conhecer Satã, você tem de deixar Satã falar. Não faz sentido procurar informações sobre um assunto com pessoas que simplesmente não estão preparadas para lhe responder. Não adianta tentar aprender sobre o Diabo lendo os livros dos anjos. Não se pode tentar entender um lado da história dando ouvidos justamente para seu polo oposto. Não se pode entender a semente daquilo que está nascendo consultando o corpo daquilo que está morrendo. Para entender uma nova maneira de pensar, você tem de deixar a antiga para trás.



Assim, ao contrário do que sugerem as mentes fracas, o satanismo não é uma religião insana preocupada em queimar igrejas e bíblias, adorar os demônios, matar bebês e sacrificar animais. Estes são mitos inventados pelos líderes das antigas religiões para manter seus devotos sob controle. Perguntar sobre o satanismo para um padre católico ou para um pastor evangélico é como perguntar para uma larva sobre a mariposa, ou como pedir conselhos sexuais a uma virgem. Com tal proceder, tudo o que você vai conseguir são argumentos pueris oriundos do medo e da ignorância.

Aqui você encontrará o verdadeiro satanismo, visto de um ponto de vista genuinamente satânico. O satanismo é uma forma de viver e pensar que tem influência na real natureza humana e, portanto, existe desde tempos bastante remotos, mas somente se manifestou como expressão religiosa

organizada na segunda metade do século XX. Não é algo pronto para ser aceito e acreditado, mas algo em desenvolvimento que deve ser constantemente explorado e contestado para que cresça forte em todas as direções possíveis.



Austin Osman Spare

O homem que iniciou o movimento satânico por excelência foi Anton Szandor LaVey, fundador da Igreja de Satã, em 1966, e autor da *Bíblia satânica*, em 1969. LaVey bebeu de diversas fontes para forjar aquilo que hoje conhecemos como satanismo moderno. A filosofia de Nietzsche, o objetivismo de Ayn Rand e a psicologia junguiana são facilmente identificados em seus livros; a influência de Crowley e Spare¹ também é grande, e existe ainda um sério caso de plágio da obra *Might is Right*, de Ragnar Redbeard, no começo da *Bíblia* de LaVey.

Isso serve para demonstrar que, de certa forma, LaVey não foi o primeiro satanista, apesar de ter sido quem iniciou e organizou o movimento satânico em uma ideologia com metas e métodos bem definidos. Sempre existiram pessoas com comportamentos e pensamentos satânicos, especialmente devido ao enfraquecimento do poder clerical testemunhado nos últimos séculos. Aleister Crowley, Oscar Wilde, Rasputin, Sir Francis Dashwood e Hassan ibn Al Sabbat são exemplos de pessoas que, mesmo antes da grande deflagração satânica dos anos 1960, já eram indubitavelmente satânicas de verdade. Isso porque, em nosso contexto, ser satânico não é nada além do que ser demasiadamente humano, sem deixar-se amarrar pela opinião das massas nem pelos ditames dos poderosos.

O satanismo como ideologia é algo novo, inteligente, diferente e, por isso mesmo, não é para qualquer um. A primeira e mais importante coisa a se saber é que o satanismo moderno não é um culto que adora alguma espécie de demônio ou ser maligno. Muito longe disso, o satanista busca transcender essa realidade maniqueísta e adora somente um único deus: a si mesmo. Essa adoração a si mesmo é simbolizada pelo uso do arquétipo psicológico de Satã, que não é, portanto, nem um Deus nem um Demônio da forma como as pessoas comumente entendem. Satã é simplesmente uma imagem que encerra em si todos os ideais do movimento satanista como

¹NE: Aleister Crowley, magista inglês; Austin Osman Spare, feiticeiro inglês e ex-discípulo de Crowley.

autodeificação, hedonismo responsável, individualismo e vontade de elevar à enésima potência o poder que há em nós mesmos.

O primeiro desses ideais, como vimos, é a autodeificação. Isso significa, em outras palavras, ser o seu próprio deus e adorar a si mesmo sobre todas as coisas com todo o seu coração, com toda a sua vontade, com todas as suas forças e com todo o seu entendimento. Este é o principal ponto de todo o movimento: o satanista ama intensamente sua própria pessoa e não trai a si mesmo nem se sacrifica em prol de ídolos exteriores. Isso se reflete em um culto constante a si mesmo e em um genuíno comprometimento com a realização de seus próprios sonhos.



Para viver essa realidade, o satanista advoga viver segundo as regras de sua própria natureza. Viver em Satã é desfrutar da vida o mais intensamente possível, entregando-se aos prazeres da carne, porém sempre de uma maneira responsável – afinal, a carne é sua. O hedonismo responsável é outra diferença entre os adeptos do antigo deus, apegados à abstinência, e os satanistas, que desfrutam de uma indulgência benéfica, sem nunca incorrer nos caminhos da compulsão. Ser satanista é viver a sua vida da melhor forma possível, mas sem esquecer as lições do passado nem deixar de considerar as consequências no futuro.

Assim, Satã representa aquele que se aceita tal como é e que ama a si mesmo sobre todas as coisas. Ao contrário do que pode parecer em um primeiro momento, de modo algum o satanista é levado à estagnação e ao conformismo. Isso porque Satã também simboliza o desenvolvimento contínuo de todas as nossas habilidades pessoais, sejam elas físicas, mentais, sociais, artísticas e, até mesmo, estéticas, buscando sempre a satisfação material, emocional ou intelectual. O satanista, adorando a si mesmo, presta a si mesmo constantes oferendas de sua própria força de vontade visando à concretização de seus projetos pessoais e, pensando dessa forma, tornando-se portador de uma sincera vontade de poder que o impulsiona a um incansável processo de desenvolvimento.



Satã se revela como um símbolo perfeito para essa forma de viver a vida, pois representa também a justiça pura, que contradiz a antiga regra de ouro e traça o novo lema de que devemos tratar as outras pessoas da mesma maneira que elas nos tratam. O satanismo ensina que jamais devemos nos resignar frente à ação de quem nos

prejudica, mas que devemos reagir ao inimigo e destruí-lo, se for necessário. É claro que, inicialmente e em campo aberto, devemos respeitar uns aos outros, mas a história muda de figura, dependendo da resposta do outro lado. Quem dá a outra face não ganha nada além de outro tapa. Em outras palavras: ser bondoso com quem nos ajuda e ser cruel com nossos adversários.

O satanismo também advoga o fim da solidariedade cega, pois entende que toda pessoa deve aceitar as consequências de suas próprias ações. Somente devem ser ajudados aqueles que realmente merecem os nossos auxílios e que não fazem de sua miséria uma cômoda posição. Reconhecendo-se como deuses na Terra, os adeptos da filosofia satânica agem de forma verdadeiramente divina e ajudam somente aqueles que ajudam a si próprios e que nunca agiram em desfavor de seus acolhedores. Os parasitas e os vampiros sociais devem ser abandonados à própria sorte e os criminosos devem ser castigados com a mesma severidade com que prejudicaram as suas vítimas.

Sendo o satanismo uma filosofia extremamente individualista, pode-se deduzir que um satanista deve julgar as outras pessoas com base em suas virtudes e defeitos de caráter e de personalidade, porém nunca com base em rótulos morais usados na antiga era. Valores como raça, nacionalidade, estado de saúde, sexo ou família não têm qualquer significado na Era Satânica que está começando. Na verdade, o valor mais apreciado pelos

satanistas é a individualidade. Quem ousa ser ele mesmo já está com pelo menos um pé dentro do “Clube do Diabo”.

É importante notar que os satanistas respeitam e cumprem as leis dos países em que vivem, sempre quando estas não atentam contra a liberdade pessoal, e recusamos, entre os nossos, qualquer conduta criminosa ou antissocial. Usamos o sistema em nosso favor em vez de tentar destruí-lo.

Depois de ler isso, muitos podem se perguntar: “Por que diabos vocês usam um nome tão assustador e agressivo, então?”, “Por que usar o título de ‘satanista’ se seus preceitos não são assim tão diferentes do comportamento humano natural?” Respondemos que aquilo que pode, em um primeiro momento, parecer uma excêntrica rebeldia sem sentido revela-se como algo com um valor muito mais profundo.



Gustave Doré

A palavra *satan* (formada pelas letras *shin*, *tau*, *nun*) tem origem no hebraico e quer dizer literalmente “inimigo”, ou, mais especificamente, “aquele que discorda de nós”. Assim, de fato, nós, satanistas, somos inimigos de toda degeneração efetuada por qualquer sistema escravocrata, qualquer que seja a máscara com que se manifeste. Além disso, acima de tudo, a imagem de Satã destrói por definitivo qualquer sentimento de culpa que todos os sistemas e religiões, através dos tempos, lançaram sobre as

pessoas para enfraquecê-las e escravizá-las. Em outras palavras, o satanismo não advoga a passividade e a adoração a qualquer ente externo, mas sim a possibilidade da autodeificação. Esse é o significado do mito de Lúcifer e Prometeu, e é esse o sentido que adotamos para a serpente no Éden. O homem deixa de ser um animal pastando no jardim do paraíso para assumir a responsabilidade pela própria vida, sem que outros a assumam em seu lugar.

Aliado a isso, existe o fato de que, nas antigas religiões, Satã era considerado um símbolo do mundo material, do mundo físico, da carne, dos prazeres acima de qualquer dogma religioso. Satã é popularmente conhecido como o príncipe deste mundo, e, ao usar sua iconografia, o satanista transfere para si toda essa vivência carnal, material e objetiva. Exista ou não outro plano, é neste mundo que a pessoa emancipada deve almejar a realização máxima; caso contrário, poderá recair em uma passividade doentia, tornando-se mais uma ovelha no rebanho representado pela grande massa.

O satanismo reconhece que todos os ditos pecados instigados por Satã e proibidos pelos seguidores da falsidade e da opressão nada mais são do que simples impulsos naturais do ser humano.

Existe ainda um terceiro motivo para o uso dos arquétipos sombrios. Por meio deles, o satanista trabalha com aspectos da vida humana que são frequentemente reprimidos e/ou negligenciados por nossa sociedade e que, dessa forma, são capazes de causar desordens neurossomáticas de todo tipo. Medos, tendências, experiências e desejos que são rejeitados pela mente consciente não desaparecem simplesmente, pois a mente guarda o núcleo do material de tudo aquilo que é reprimido pela consciência.

Sigmund Freud usou o pomposo nome de inconsciente pessoal, e Carl Gustav Jung o chamou simplesmente de Sombra. O fato é que esse porão mental torna-se gradualmente mais perigoso cada vez que é rejeitado pelo indivíduo. O conflito entre suas crenças e seus desejos resulta naquilo que a



psicologia moderna chama de “dissonância cognitiva”, em que as pessoas começam a projetar suas qualidades indesejáveis em terceiros ou passam, inconscientemente, a lutar contra si mesmas e, em alguns casos, até mesmo a refletir no corpo e na saúde essa luta interna.

Quando a Sombra é trazida à consciência, ela perde sua natureza de medo, de desconhecido e de escuridão e torna-se uma aliada do indivíduo. Essa é, portanto, outra função da simbologia tenebrosa usada frequentemente pelos satanistas. As imagens infernais, como Satã, Lúcifer, Belial e Leviatã, servem para expressar o “lado negro” da sua natureza humana para a completa integração consigo mesmo. Trabalhando-se com esses arquétipos, o indivíduo passa a se aceitar totalmente, livra-se da dualidade e realiza a sua Verdadeira Vontade, que é a vontade perfeita do ser humano, livre da egolatria.

Por fim, os satanistas sabem que, desde há muito, a figura do Diabo tem sido ligada à prática da feitiçaria e da bruxaria. Na Idade Média, Satã se tornou o senhor das bruxas, de modo que tomou conta do imaginário como sendo o pai de toda a magia. Essa visão é, de fato, tão forte que os adeptos do neopaganismo têm muita dificuldade em convencer o grande público de que os seus deuses não são demônios. Quando os primeiros patriarcas da Igreja Católica transformaram os mitos pagãos em mártires castrados de corpo e mente, não puderam fazer o mesmo com um que era muito viril,

alegre e irreverente, conhecido como Pã, que abarcava imensa popularidade entre os povos da época. Então, como não puderam transformar esse deus em um santo eunuco, fizeram dele o Diabo.

Os satanistas, contudo, ao contrário dos neopagãos, não lutam contra essa identificação, mas dela tomam partido e tiram proveito usando a imagem e a simbologia satânica em seus rituais. Os rituais satânicos são um assunto muito vasto, mas saiba, por hora, que os rituais satânicos modernos nada têm haver com pactos de sangue com demônios, sacrifícios humanos, abusos infantis ou qualquer outro tipo de execução, que é, em verdade, mais própria de criminosos e doentes mentais.

Existem, ainda, outros motivos para usarmos a imagem satânica, e nenhum desses envolve a adoração de qualquer entidade que não seja a nós mesmos.



Por fim, essas explicações concluem nossa breve introdução ao satanismo e jogam uma luz contra o preconceito, luz esta que só nos coloca diante de uma escuridão ainda maior.

Espero, sinceramente, que agora você tenha entendido o básico de nossos preceitos e enxergado, assim, um pouco do nosso lado da história. Guarde em seu coração estas palavras: “Ame a si mesmo sobre todas as coisas e ao próximo como este a ti.”

Satanismo é a palavra. Vida é o resultado.

S

Morbitvs Vividvs foi aluno direto de Lord Ahriman, na Igreja de Lúcifer, durante o primeiro levante satânico nacional. Escreveu *Lex satanicus: manual do satanista* e colabora com a iniciativa Morte Súbita Inc.

mortesubita.org

DISCÓRDIA DE ROMANOS E GREGOS

O que sabemos sobre Éris (não muito)

*Malaclypse**Tradução: Adriano C. Monteiro*

Os romanos deixaram uma imagem Dela para a posteridade: ela era mostrada como uma mulher grotesca com um visual pálido e mórbido, de olhos em chamas, vestimentas furadas e rasgadas, escondendo uma adaga entre os peitos. Na verdade, a maioria das mulheres é pálida e mórbida quando estão escondendo uma fria adaga nos peitos.

Sua genealogia vem dos gregos e é realmente confusa; ou Ela era gêmea de Ares, filha de Zeus e Hera, ou era filha de Nyx, deusa da noite (que era ou filha ou esposa do Caos, ou, ainda, os dois), e Erebus, irmão de Nyx, cujos irmãos e irmãs incluíam Morte, Destino, Zombaria, Miséria e Amizade. E ela deu à luz Perdão, Briga, Mentira e a um monte de deuses como esses.

Um dia, Mal-2 consultou sua glândula pineal e perguntou a Éris se ela realmente criara todas essas coisas terríveis. Ela contou-lhe que sempre gostou dos antigos gregos, mas que não se deve confiar neles para questões históricas. “Eles eram”, disse Ela, “você sabe, vítimas de indigestão”.

É suficiente dizer que Éris não têm ódio ou malícia; mas ela é travessa e fica um pouco mal-humorada às vezes.

PS: A glândula pineal é onde cada um de nós pode conversar com Éris. Se você está tendo problemas para ativar sua pineal, então tente pelo apêndice, que faz a mesma coisa. Referência: DOGMA I METAFÍSICA #3 A “*Indoutrina*”^{*} da Glândula Pineal.



Malaclypse é um dos supostos autores da *Principia Discordia*, obra freakazoide caótica e sem nexo sobre discordianismo que pretende divulgar o culto a deusa Éris (Discórdia, para os romanos).
principiadiscordia.com

^{*}NE: O autor faz um trocadilho entre as palavras *endocrine* e *indoctrine*, respectivamente “endócrina” e “indoutrina”, ou “não doutrina”.



Mandragora. Santiago Caruso.
santiagocaruso.com.ar

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Produndissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra.

Augusto dos Anjos

DAEMON

Eu não sou tuas deusas.
A luz do sol que me desperta é a minha vontade interior.
O átomo primordial que ilumina mais que todos os
planetas,
Atravessando os planos espirituais.
Uma lâmina, um dorje que cai,
Atravessa os céus.
Véu de Ísis
Rasga a intenção velada,
Derruba teu punhal apontado para minhas costas,
Dissolve na luz da minha existência.
Sou resistência inata,
Agathodaemon ou *Cacodaemon*,
Anjo ou demônio que você merece.
Por isso, vela meu despertar.
Eu sou de ciclos, o sumo das frutas e também a sede,
Água cristalina e sangue, todo mês
Um *Manvantara* e um *Pralaya*.
Coração telúrico incansável, uma batida e um contratempo.
Mais antigo que a humanidade
Acima da espessura do caráter de seus fiéis.
Enquanto não houver a merecida prece ou invocação,
Dançamos, todas as deusas, ao redor do fogo
Aceso no ventre da terra.
Tecendo e desfazendo mandalas sob nossos pés,
Subindo nuvens de pó vermelho no céu da noite,
Elevando nossas sombras inquietas aos céus.

Aristerá



PRESEÇA SINISTRA

Um louvor ao fazer, ao bem-feito, à disciplina mental e ao bem-estar físico; uma solução, apenas uma solução para todo e qualquer problema; não há volta... Não! Não! Depois, o fogo consumirá todas as tuas lembranças, o fogo da leviandade, uma mistura negativa de amor fátuo com a *angst* do anti-humano; numa monstruosa dor de cabeça se esconde o verme holográfico do espaço-tempo, antissimétrico, um buraco; dor, alucinação e insônia, implorar pela vida? Ó, Mãe da Eterna Desesperança.

Um torpor ao saber, ver e crer? Onde está o abrigo, o ombro amigo, promessa e o prometido? A severa palavra e a construção secreta do infinito, *Umwelt*, um comentário presente nas entrelinhas, não é necessário, deixe passar, ser e convir, um começo, a ponta nerval do suco gástrico da vontade, um cavalo domesticado, situação desastrosa, onde o trabalho é alma em pedra, tão leve, tão bela, quanto a dádiva de Narciso; não é necessário, onde está o abrigo? Nas tuas lembranças, um amolador, e as facas, escondidas e sujas, cheias de interesses, o verde e o vermelho, chamas da inquieta atividade.

Um sabor, a cada dia que passa, Ó, Senhor da Inconstância, a mensagem, uma bolha e a indiferença da metade da bolha, mais um, dois, três ramos crescem; queimo a minha excelsa devoção e contrição com um acidente, a sabedoria e o original Inferno de Dante, mortificação, a cada dia que passa, o ar torna-se sólido, como respirar? Um grito de desespero tão lindo, tão afiado, a lâmina automática do Solipsismo, um desvio, a verdadeira arte de arrancar cabeças sem o uso das mãos; a cada dia que passa, novas ideias e o sangue mais quente, a vontade dormente, não ruma, vomita fantasias sincréticas, não existo, *spooks* para o jantar dos nefastos e letárgicos ideais humanos.

Uma Cria nojenta e pegajosa vaga pelo ar.
Não pense que Ela é: Ela não é...

Isso é o que você é!
Mas, ainda não é
A hora do nascimento da Paz na terra.

Don Eli
doneli.com.br

NOX

Me recolho na noite,
Me aconchego num canto.
Me cubro de breu,
Me alegre em pranto.

Drido Monteiro



NÃO FALE COM ESTRANHOS POR AÍ

Criaturas da noite

Amyr Cantusio Jr

◊ s vivos não podem ensinar aos mortos, mas os mortos podem instruir os vivos.

Uma hora da manhã, meditando com pó de mandrágora e música xamânica árabe, um rapaz de média estatura aparece falando uma língua arcaica, a qual me parece árabe com tcheco. Mas eu a compreendo em minha mente. O rapaz me leva a uma sala pequena, velha e empoeirada. Ali, ele me revela segredos que são do meu passado e que serão o meu futuro... e o seu. Em uma ampla parede, está um mapa estranho que a encobre totalmente. Nele, há símbolos de gárgulas, touros híbridos com águia, rostos de harpias, figuras míticas e regiões que desconheço. O rapaz me aponta para uma região em especial e me diz que tenho que voltar lá, de onde eu saí. É a Mesopotâmia – entendo perfeitamente. Os primeiros seres répteis nasceram nessa região; depois, chegaram os Antigos.



Nós somos filhos das estrelas abissais da escuridão. Nossos corpos são vazios – são apenas trânsito de alimentos que entram constantemente pela boca e saem pelo ânus, para nos manter vivos biologicamente por um determinado espaço de tempo nesta Terra. A mente é vazia; o espaço é vazio. Mas esse vazio é a sabedoria da eternidade.

Nos cemitérios, onde as carcaças apodrecem, existe uma criatura elemental chamada *ghoul*. Ela se alimenta da putrefação exalada etericamente dos cadáveres e conhece a linguagem ancestral dos Antigos. Desenterre um cadáver de um animal e ofereça a ela, em voz sussurrada, pois ela aprendeu nosso idioma. Espere e ouça a resposta. Pergunte sobre o Espaço Vazio, a imensidão cósmica da noite eterna, o outro lado da vida, a região dos mortos.

Se você tiver sorte (e carma), poderá também contatar Lilith. Ela aparece em redemoinhos de vento. Um leve uivo do vento entre as frestas dos túmulos ou das árvores é a voz dela. Lilith é a bela dama dos ventos da noite, uma entidade arcaica nascida nos morros tenebrosos da perdida Mesopotâmia. Ela é bela, com longo cabelo cor de prata e corpo sinuoso, nu, ao clarão da lua. É emissária do deus antigo Shub-Niggurath e se alimenta do calor e odor do esperma derramado. Nenhum homem comum pode resistir aos encantos dela. Ela aparece toda noite após o primeiro contato nos sonhos dos homens, sugando pouco a pouco toda a vitalidade até matar a alma. Você deve oferecer a ela, nos cemitérios, esperma fresco, com uma vela e uma conjuração dos Antigos. Lilith pode se abrir a você e lhe instruir em visões sobre as outras dimensões do espaço e do tempo, nas quais podemos sobreviver com consciência após a morte física. Não importa o sexo do mago; a mulher também pode oferecer seus líquidos do prazer à Lilith, pois ela aceita, mas por meio de um contato conjunto com um mago do sexo masculino que a excita para isso.

Você pode achar estranho o mundo; mas o mundo é estranho mesmo. A Terra é o inferno. Todas as criaturas têm fome. Tudo no universo vivo está se alimentando de outros. Somente em regiões etéricas, a vida se alimenta de energia cósmica. Criaturas como o *ghoul* e Lilith se alimentam etericamente da energia de corpos em decomposição ou de miasmas gerados por prazer sexual, medo e outros sentimentos. Não há alternativa para os que nascem, somente a certeza da morte completa. Olhe o mundo à sua volta. Ele é feito da fome, da miséria, da agressão, da doença, da velhice, da morte e da decomposição. A ilusão dos idiotas faz o mundo parecer agradável, como a flor que oculta a serpente no jardim. Não se iluda. Uns comem os outros, e a morte não tardará em pegar você na primeira oportunidade. Portanto, se você quiser sobreviver à morte, terá que penetrar nesse santuário macabro, mas que é a nossa verdadeira sombra da existência.

Há uma bruxa nas cavernas; em qualquer caverna ela pode se esconder. Seu nome é Ithaqua, na língua antiga. Uma vez ela foi bela e humana, mas hoje se parece mais com um verme com cara de inseto e de olhos negros. Quando for contatá-la em uma caverna, leve carne deteriorada e ofereça a ela. Fique distante da aparição – a força dela é maior do que a de dez homens, e ela detesta a beleza humana. Cubra a cabeça ou use uma máscara e faça uma pergunta por vez. A cada pergunta, ela poderá instruí-lo a respeito de nossos pais que vieram das estrelas, as Serpentes Cósmicas.

Por mais que você não aceite, esses são os caminhos do *chöd*.



NO PRINCÍPIO... ERA UMA BAGUNÇA

A manifestação do Caos de dentro

Karmagedom Goat

Nadando contra a terrível correnteza das águas opressoras e vivendo em um plano onde todos lhe apontam e tentam subjugar-lo, nada é mais necessário do que uma implosão revolucionária, em que as amarras da alma são destruídas e o caos é liberado!



Para as massas descerebradas do perturbado mundo atual, o caos é uma ameaça letal e um sopro atômico do Diabo. Mas em que momento esses seres vão enxergar, na desordem, um processo evolutivo? Em nenhum momento, acredito, pois são incapazes de compreender o mais íntimo de si mesmos. E como querer mudar algo externo sem mudar primeiro o interno?

Minha aversão social parte da premissa de que a maioria dos humanos se afoga na própria ignorância e não é capaz de buscar o próprio caminho. Assim, os humanos marcham hipnotizados com sua “livre arbitrariedade” rumo à esteira do moedor de carne, ou seja, a máquina perversa do sistema, do mundano e das leis messiânicas. A religião alienadora que conhecemos como cristianismo tomou o mundo ocidental de assalto e soube, de forma ignóbil e manipuladora, vendar os olhos daqueles que já insistiam em não ver o que estava um palmo à sua frente.

O que essa sociedade julga como aterrador, eu vejo como luminoso, mágico, transformador. O alvorecer da minha rebelião interna me fez ter uma perspectiva ampla e, o mais importante, ilimitada com relação ao que é tido pela maioria como negativo e sem propósitos. Experimentos psicoativos, imagens, leitura, música, contestação, exploração, pesadelos, vida, morte e as forças noturnas induziram em mim as primeiras implosões para que os feixes da minha remota luz interior fossem liberados. E foi a escrita que se tornou uma ferramenta de canalização do meu abismo.



Nietzsche uma vez disse: “Tudo o que é reto mente, toda verdade é sinuosa...”. Essa mesma via sinuosa é a que eu sigo, aquela em que tudo e nada acontecem, em que as possibilidades são infinitas, aquela em que não sigo valores sem progresso e desprovido de vontade. O caminho da mão esquerda me atraiu com uma força incognoscível, e minha intuição a agarrou sem pestanejar, selando assim um elo fenomenal. Ao contrário da visão simplista tomada pelas calúnias eclesiásticas da falsa luz, a punição não foi sentenciada ao criminoso! Esse ímpeto além dos limites é fruto de uma escolha pessoal em que a percepção do sentir foi primordial para um advento de descobertas.

Mergulhando nos abismos, fui levado por Caronte, o barqueiro do rio infernal Aqueronte, que, com sua capa preta e seu silêncio macabro, fez muito bem o papel de guia psicoespiritual. Fazendo uma rápida visita a Satã (o Adversário), foi-me concedido o poder da insubmissão, oposição e ferocidade. Mais à frente, Lúcifer (o Portador da Luz), trouxe-me a semente da subversão e o raiar da sabedoria. E, na última casa, aquela em que a maioria provavelmente jamais chegará, conheci um pouco do que é o Caos.

Mas o Caos é impossível de ser compreendido totalmente; ele cruza todos os limites, é poderoso, furioso, faminto, faz o irreal ser real, e, o mais importante, ao seu redor não há barreiras nem prisões, basta você buscá-lo e senti-lo. E foi exatamente isso o que eu trouxe comigo, uma herança atávica e a chave da liberdade. Então, para mim não há mais portas fechadas.

O intelecto e a espiritualidade elevada nascem da nossa busca pelo autoconhecimento, e o êxtase desse novo Éon é provado na capacidade de experimentar novas sensações por meio das diversas manifestações artísticas que provém do secreto e da libertação das feras que clamam pelo momento delas, contemplando-nos com novos horizontes, seja pela música, pintura, literatura, cinema e cultos obscuros. Quebrando as amarras da besta interior e aprendendo a domá-la, você será tomado pela bênção da criatividade e perceberá que a escuridão é repleta de virtudes, sem negá-las por mero moralismo patético, medo ou má compreensão. A busca a qual me refiro é árdua e parte da prática de reter a vontade, sem temer as consequências. Energia vital e concentração são essenciais para essa busca, e a seriedade faz toda a diferença.

Não é em vão que tantas obras tenham nos fascinado através dos tempos pela complexidade e morbidez de seus conteúdos. São lavas que emergem das zonas abissais e se manifestam para nós com sua natureza remota, cada qual com sua peculiaridade, tomada de sinais desarmônicos, mandando seu recado para que nossos olhos as enxerguem para muito além do que nos é transmitido. Isso nos leva a estados de emoção que transcendem o humilde argumento de “gostar”, e, a partir do momento que esse impacto se torna real, o inferno aqui em cima se faz presente.

A escuridão foi libertada. Mas esse caminho sinistro não chegou ao fim. Aliás, não há fim para essa via. Portanto, continuo a exercer a arte da transgressão, sem a inibição que a casta fétida da cultura e da tirania dominante supostamente me faria ter.

O transe, na manifestação do Caos, equivale a um orgasmo múltiplo e a uma experiência de estado alterado, refletindo na materialização de uma obra profunda e, mais importante, genuína! Assim, continuarei a minha incansável exploração, sempre motivado pelas forças da escuridão, vagando livre e selvagem como um chacal negro pelos cemitérios da terra, quebrando as correntes, descarregando, sentindo a liberação, abrindo a tumba, ouvindo a noite, sempre caótico...

S

VÁ COMETER OS PECADOS, PARA O SEU PRÓPRIO BEM

O avesso dos vícios

Adriano Camargo Monteiro



Satã é somente um santo “adversário” das adversidades da vida impostas pela sociedade viciosa – densamente fundada na religião de massa. Ele se opõe aos dogmas restritivos, à degradação humana e ao sofrimento disseminado pelas religiões. Satã nada tem a ver com o “Senhor” da **ira**, melindroso e sempre ofendido. É claro que você sabe quem é esse “Senhor” que está sempre se arrependendo de tudo e que violenta e cegamente destrói todo mundo e todas

as coisas. E, como imagem e semelhança do “Senhor”, as marionetes pecadoras que se creem salvas se inflamam de ira contra um Satã que eles mesmos nunca viram, contra tudo e contra todos. Satã fica irado com isso, mas não peca. Sim, não peca porque ele só devolve da mesma moeda. Afinal, ele já pediu para que parassem. Então ele é calculista, frio, e sua ira é direcionada apenas ao objeto de seu tormento e raiva: as horrorosas marionetes do “Senhor” que enfeiam o mundo.

Mamon é muito diferente de um tal “Senhor” que tem **ganância**. Ele nunca peca, nunca é avarento, apenas busca distribuir a riqueza de maneira que todos possam ficar satisfeitos. Mas aquele “Senhor” ganancioso está sempre frustrando isso, exigindo tudo – absolutamente tudo – somente para si: ele quer ouro, prata, bronze, pedras preciosas, linho, peles, bois, ovelhas, perfumes e, até mesmo, pessoas! Caso o “Senhor” não tenha tudo isso, ele se vinga de você, pobre mortal, até a quarta geração de sua prole, se você tiver. Mamon proporciona fartura, abundância e conforto, mas não a retenção de tudo e de todos, não o acúmulo do que deve estar disponível livremente para todos aqueles que merecem. Porém o “Senhor” e seus escravos fazem o contrário.



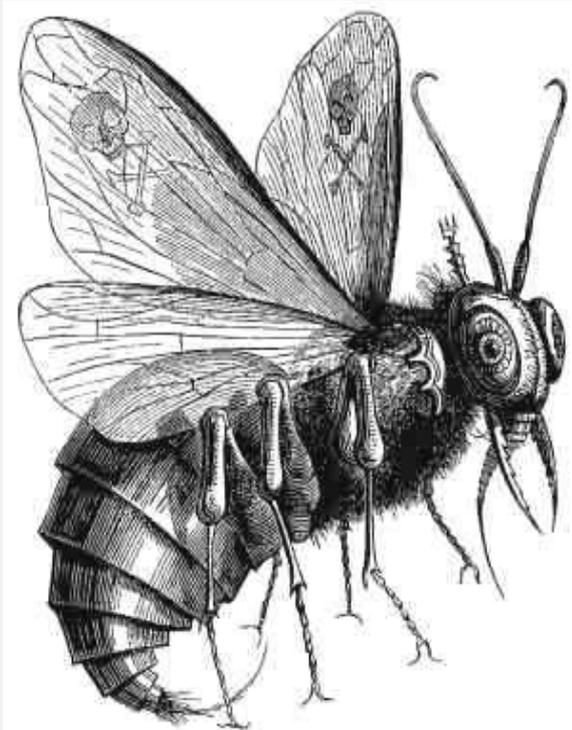


Leviatã jamais teve inveja de um certo “alguém” que sempre está com ódio, desgosto e pesar no coração espinhoso por causa do que os outros têm ou são. Esse alguém sempre invejou as criaturas falantes, perspicazes e... “imundas”, já que “a serpente era o mais astuto de todos os animais”. Tal “Senhor” invejoso também está sempre querendo saber o que seus fantoches estão fazendo, pois às vezes é difícil manipulá-los. Seus “filhos” sempre tiveram o desejo de querer, a vontade de desejar, e o “Senhor” os bisbilhotava para então

castigá-los. Leviatã não inveja a fraqueza e o despotismo; ela incita as pessoas à revolução interior e dá estímulo para que pensem por si mesmas e consigam suas coisas por méritos próprios, almejando-as com sadia invidía, em vida.

Belfegor é preguiçoso? Mas que falácia! Não é ele que fica sentado no rabo, mandando e desmandando com seu dedo em riste, sem fazer coisa alguma. Mas o tal do “Senhor” adora pecar a **preguiça** tediosa de seu trono altíssimo e ainda diz que criou o universo e todos seres com um simples passe de mágica. O “Senhor” adora realizar os seus sujos desejos por meio de seus bonecos escravizados que trabalham muito por nada e comem migalhas do pão azedo que ele mesmo pisoteou. Belfegor se deleita no ócio criativo, desinteressadamente (ao contrário daquele “Senhor”), para criar, produzir invenções, descobrir o que está escondido, estimular a mente e a vontade de fazer algo por puro prazer – a arte pela arte. Para Belfegor, tudo é lícito no ócio que gera criatividade e desenvolve a capacidade de aprender por si próprio, livremente. Ele detesta o estorvador preguiçoso-mor e seus piedosos jumentos de carga.





Belzebu nunca teve a viciosa **gula** de incessantemente possuir e de se empanturrar mais do que o mínimo excedente. O “Senhor” é que nunca consegue estar satisfeito e contente. Com sua voraz gulodice, ele é insaciável em sua fome de carne e sangue; talvez ele seja o primeiro grande açougueiro do universo. O grande “Senhor” glutão adora esfolar e desmembrar morbidamente seus pratos em seu palco, quer dizer, altar de horrores, e sempre exige mais e mais. Belzebu é contra o desperdício de comida e o acúmulo de lixo. E ele não é glutão como o “Senhor” guloso, pois a obesidade

mórbida o impossibilitaria de voar. Se Belzebu é o Senhor das Coisas que Voam, ele não pode estar sempre faminto e ocupando-se em exigir excessos e comilanças, como aquele “Senhor” de fantoches incontidos.

Asmodeus sabe que tem instintos naturais, coisa que o “senhor” condena em seus bonecos, mas leva ao extremo para si mesmo. O “Senhor”, cheio de desejos passionais, adora espiar deleitosamente casais nus. Mas quando uma mulher engravida, ele torna o parto doloroso, algo que parece um tanto sádico. O “Senhor” incentiva a procriação desenfreada, e isso só pode ser o resultado da **luxúria** desenfreada de seus escravos. O pior é que o “Senhor” considera o processo biológico de procriar uma coisa imunda, especialmente para as mulheres! Asmodeus prefere o prazer



e o amor e não hesita em manifestar seus instintos quando necessário, pois a natureza segue seu fluxo e as necessidades fisiológicas e psicológicas devem ser satisfeitas. Mas sabe que se ele fizer o mesmo que o pecaminoso “Senhor”, ou seja, tornar-se escravo dos desejos explosivos, somente haverá dor em vez de prazer sadio, satisfação e alegria.



Lúcifer não se orgulha de ter criado coisa alguma segundo sua imagem e semelhança. Imagem é, muitas vezes, um reflexo distorcido do original – é algo defeituoso, imperfeito. E você sabe quem realmente peca por ficar todo envaidecido por ter “criado” algo assim. Lúcifer não quer saber de nada disso, pois há coisas mais importantes e interessantes com o que se ocupar. Lúcifer se orgulha – e muito bem orgulhoso – de sua inteligência, de sua autoconsciência, de sua liberdade de pensamento. Esse **orgulho** pode parecer “pecado” aos olhos de muitos. Esses não sabem que o orgulho pode ser uma dádiva para a autoestima e para o aprimoramento individual. Mas, infelizmente, as marionetes no espelho não enxergam que sua vaidade é exatamente a mesma do “Senhor” que as criou e que as manipula com tanta *vanidade* e arrogância.

S

Adriano Camargo Monteiro é artista e escritor, autor da obra *Tetralogia Draconiana*.
geocities.ws/adriano Monteiro/driografia



Cybershaman. Edgar Franco.
ciberpaje.blogspot.com.br

PARAÍSO PERDIDO

Canção I

Que importa onde eu esteja, se eu o mesmo
Sempre serei, – e quanto posso, tudo?...
Tudo... menos o que é esse que os raios
Mais poderoso do que nós fizeram!
Nós ao menos aqui seremos livres,
Deus o Inferno não fez para invejá-lo;
Não quererá daqui lançar-nos fora:
Poderemos aqui reinar seguros.
Reinar é o alvo da ambição mais nobre,
Inda que seja no profundo Inferno:
Reinar no Inferno preferir nos cumpre
À vileza de ser no Céu escravos.

John Milton

VERSOS INSCRITOS NUMA TAÇA FEITA DE CRÂNIO

Não, não te assustes: não fugiu o meu espírito
Vê em mim um crânio, o único que existe
Do qual, muito ao contrário de uma fronte viva,
Tudo aquilo que flui jamais é triste.

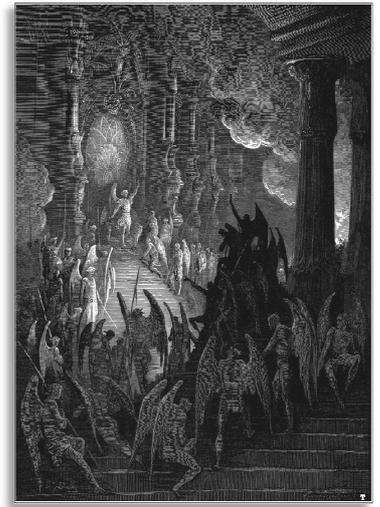
Vivi, amei, bebi, tal como tu; morri;
Que renuncie e terra aos ossos meus
Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme
Lábios mais repugnantes do que os teus.

Onde outrora brilhou, talvez, minha razão,
Para ajudar os outros brilhe agora e;
Substituto haverá mais nobre que o vinho
Se o nosso cérebro já se perdeu?

Bebe enquanto puderes; quando tu e os teus
Já tiverdes partido, uma outra gente
Possa te redimir da terra que abraçar-te,
E festeje com o morto e a própria rima tente.

E por que não? Se as fontes geram tal tristeza
Através da existência – curto dia –,
Redimidas dos vermes e da argila
Ao menos possam ter alguma serventia.

Lord Byron



ESPINHEIRO SANTO

Não é a espinheira-santa, não; sou eu com os pés no chão. Não sou Ofélia, mas sou ela mesma quando vejo orquídeas e margaridas entre porcas e parafusos.

Porque o mesmo chão frio que me antecede é o mesmo que te conduz para o teu delírio de me irritar, tua obsessão de me entristecer, a vontade do outro de sentir ódio do amor que cabe dentro de mim, de querer esfaquear a minha generosidade. Mate-a, por favor!

Bondade minha que é maldade quando te irrita; descobri esse jeito bom de te fazer mal.

Se meu grande defeito é ser boa, é por preguiça de desconstruir o que sou só pra te agradar. Sou boa, boa porque tenho preguiça desgraçada de atacar, com essa raiva nojenta, repetitiva, essa engrenagem em que sua carne foi macerada e me suja e me dá náusea. Morra você de raiva, ou mate-me, por favor, por ser gentil! Quais serão mesmo teus motivos? Vê? Não sou tão boa quanto pensam.

Por sobre uma nascente há um salgueiro inclinado
Que espalha as folhas gris no líquido cristal.
Ali, fez fantásticas guirlandas, de urtigas,
Margaridas, ranúnculos e orquídeas púrpuras,
A que os ímpios zagais dão um nome vulgar
E as castas virgens chamam dedos-de-defunto

E eu ando na mesma relva que você;
sentimos o mesmo frio. Somos todos loucos,
só que você quer me fazer sofrer, e eu te faço sofrer
se não te dou a minha flor do meu bem,
que não é flor, mas porque te faz sofrer,
porque sou feliz se esfregar a bondade na tua cara.
Minhas flores e minha bondade te dão
um gosto metálico na boca. Eu só sinto perfume.
Somos todos uns montes de lixo a serviço de emoções toscas.
Eu sou vaidosa e você, flor furiosa de graxa e sangue.
Não sou menos lixo que você. Ninguém é tão bom.

Vou arrastando meus pés feridos, te deixo um caminho
sujo de sofrimento para você contemplar.
E depois eu que sou delirante... e boa.
Gente ruim inspira e diverte.

Não se incomode com a bondade dos outros,
se você não entende Shakespeare e não entende
de sofrimentos sutis e de orquídeas metálicas
e engrenagens que acompanham a luz do sol.
Sua mente está presa às rodas.
A minha, aos moinhos de vento.

Aristerá



A MAGIA NEGRA É UMA COISA NÃO NATURAL. VOCÊ QUER?

A abordagem não natural do universo subjetivo

Michael Aquino

Tradução: Adriano C. Monteiro



indivíduo com um senso não natural (“satânico”) de autoconsciência não precisa confrontar diretamente o universo subjetivo. Ele pode apenas se contentar em usá-lo simbolicamente, como um dispositivo para enfatizar e formalizar seus objetivos de baixa magia negra. Essa era a abordagem da grande maioria daqueles que se afiliaram à Igreja de Satã, de 1966 a 1975. Muitos dos rituais exóticos – e aparentemente literais – da Igreja de Satã são, então, corretamente entendidos como psicodramas de baixa magia negra. Como tais, eles poderiam ser surpreendentemente efetivos. Aquilo que

começou como um exercício jocoso de teatralidade exagerada e sátira social desenvolveu-se em uma busca crescente mais focada nos princípios por trás da eficácia. Foi essa busca que culminou na metamorfose da Igreja de Satã no Templo de Set, em 1975 – menos aqueles que foram incapazes ou relutantes em ver o passado do conceito psicodramático original.

A teoria e a prática da interação não natural com o universo subjetivo são definidas como alta magia negra. Ela envolve, primeiro, a exploração do próprio universo subjetivo, outros universos subjetivos que possam estar envolvidos e partes relevantes do universo objetivo para suas fronteiras conceituais (se não, limites). Aí, segue um preciso, coerente e deliberado foco da vontade do eu criativo para ajustar as características dos universos subjetivos (individuais e outros) ao estado desejado, que pode ou não ser “real” no universo objetivo. O conceito de magia postula que há uma “linha” tênue – que geralmente se refere ao elo mágico – entre os universos subjetivo e objetivo. Conseqüentemente, uma mudança ocorre com um efeito, ao menos parcialmente similar, no outro. É fácil explicar por que o universo objetivo deveria influenciar o subjetivo, mas explicar a influência contrária é um tanto mais difícil.

É a aplicação ativa do elo conceitualizado por Fichte¹, pelo qual a atividade das energias concentradas do ego criam “padrões” na essência sobrecarregada, que, por sua vez, cria padrões relacionados, se não completamente idênticos, na parte não ego da essência mental – que é o que define e une as leis de consistência no universo objetivo (se você está familiarizado com Fichte, veja o filme original *Star Wars* e entenderá a ideia geral).

É difícil conceitualizar, dominar teoricamente e praticar com segurança a alta magia negra – mas funciona. Ela pode ter feito em maior ou menor grau, mas, em todo caso, é virtualmente impossível predizer em que grau. As chances de sucesso são presumivelmente melhores se não fizer uma grande “distorção” nas leis de consistência do universo objetivo e se aplicar uma quantidade extraordinária de energia ao fenômeno correspondente no universo subjetivo. Deve-se também ter a vantagem de cada força cooperativa no universo objetivo para intensificar o trabalho, usando alta magia negra para “pesar na balança” em vez do trabalho todo. Então a alta magia negra é idealmente apoiada pela baixa magia negra, embora o contrário não seja verdadeiro. Anton LaVey² considerava os itens periféricos em apoio de um trabalho de alta magia negra como o fator equilíbrio em magia.

Recentemente, o termo “média magia negra” foi introduzido para descrever trabalhos de alta magia negra de um dado projeto dirigido muito simples com o específico e exclusivo propósito de influenciar o universo objetivo. Trabalhos de média magia negra não tem efeito no universo subjetivo.

É no processo de fazer a exploração preliminar dos universos subjetivo e objetivo que o mago negro começa a descobrir e, enfim, saber como as coisas realmente funcionam. Ele não existe totalmente nem no universo subjetivo (como um místico) nem no universo objetivo (com um materialista). Ele não considera como um brinquedo nem nega sua realidade. Ele vai e vem entre os dois (NT: universos) com crescente facilidade e perícia, influenciando os elos mágicos entre eles e causando mudança de acordo com sua vontade.



¹ NT: Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), filósofo idealista alemão do subjetivismo.

² NT: Anton Szandor LaVey (1930-1997), fundador da Igreja de Satã, em 1966, na Califórnia (EUA).

No processo, ele se torna sábio. Mas porque ele considera ambos os universos quando emite opiniões, os não magistas podem considerar sua sabedoria como tolice. Não é; ele simplesmente leva em conta mais dimensões de um problema particular do que os espectadores são capazes de enxergar. Dizem que um magista que acumula extraordinária sabedoria dessa “mistura” está de posse da Compreensão.

Pode-se aprender a se tornar perito em abordagens naturais do universo objetivo por meio da educação convencional nas ciências físicas e sociais; e em abordagens naturais do universo subjetivo por meio das artes. A Igreja de Satã ensinava a teoria e a prática da baixa magia negra, e o Templo de Set acrescenta a isso a teoria e a prática da alta magia negra.

Assim como a educação de abordagens naturais não pode garantir que alguém se torne competente na aplicação dessa educação, também a educação de abordagens não naturais não garante que alguém se torne adepto em seu exercício. Muitos supostos magos que acumulam “erudição livresca” ainda provam incapazes de fazer qualquer coisa com isso. Pode ser porque eles não tentaram aplicar a magia, ou porque eles não têm talento para isso, ou porque não têm inteligência para compreendê-la realmente.

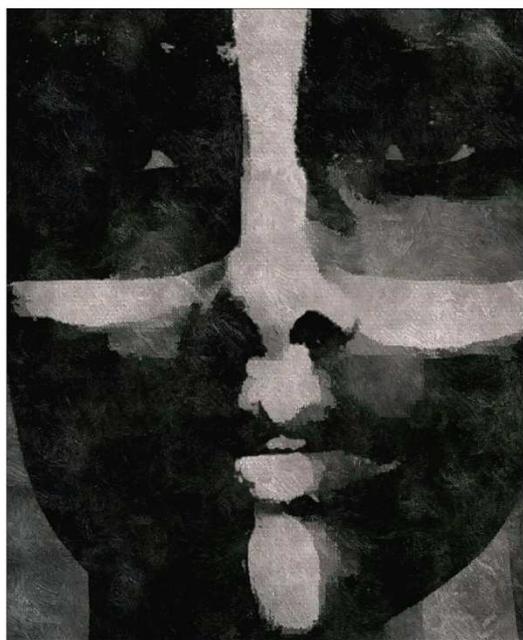


Michael Aquino é oficial do exército americano e fundador do Temple of Set, em 1975, na Califórnia (EUA).
xeper.org/maquino

EU SÓ ESTOU OBSERVANDO...

Observação de um ente querido

Felipe Galvão



Felipe Galvão

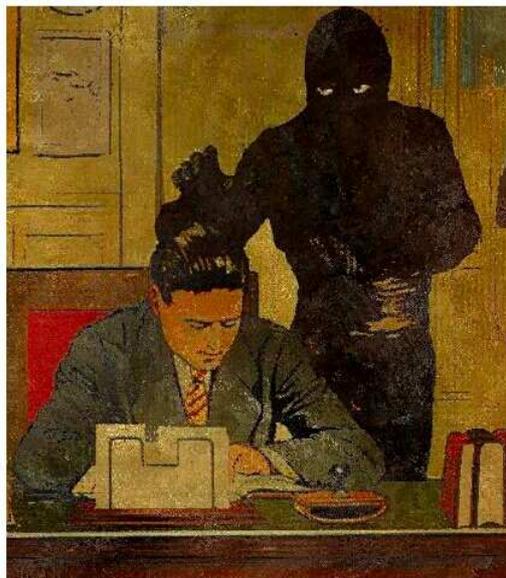
Muitas das questões que já tomaram posse de minha atenção nasceram da observação constante sobre o temperamento humano. Seja qual for o gênero, as pessoas agem de uma maneira peculiar, um conjunto de expressões que se baseiam em diversos fatores, muitos dos quais são misteriosos, pois se ligam à emoção muito mais do que à razão. E sendo a sensação um caminho difícil de rastrear e a emoção, complicada de medir. Decisões são tomadas – alguns compreendem; outros, não.

No entanto, a ação é lançada, e raramente se consegue voltar atrás para suprimir, pois aquilo que foi dito é como uma estrela no céu, luminescência da razão, uma grande porta para a explosão, a divagação, o conceito e a expressão. Das palavras que se vão, poucas têm direção, e, a partir desse momento, é fácil chegar à conclusão: que mundo caótico!

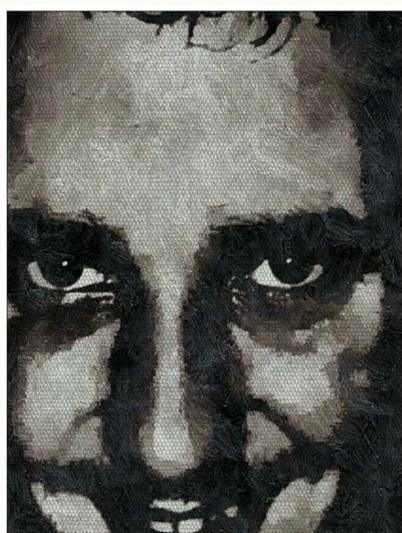
Apenas faço o que devo. Quantas camadas de abstração, raízes ordenadas longe da visão... Entre o céu e a terra, uma miríade de situações. Miscelânea concreta de fatores que permeiam desde a mais sutil gota de consciência até os confins da formação. Um grandioso véu que se forma diariamente à minha frente... Em carne e osso, em uma visceral definição, quem poderá medir o peso da intenção?! Nascidos, aparentemente sem escolha, por mais que a tradição diga o contrário, caminham entres os flancos da sociedade, complexa e perspicaz. Assim, você se sente dentro do caldeirão, e os ingredientes são colocados aos poucos, formando o sabor ideal de sua passagem nesta gélida forma de existência, perfeita para poucos, aqueles que, em sua sopa, reúnem maior número de condimentos capazes de amortecer a queda para os sentidos básicos da sobrevivência: eu me refiro a instinto e supressão! Guerra irreal, iminente e sem direção, Guerra irreal, iminente e sem direção, conglomerado de ações que

geram experiência na aquisição da ponderação. As regras da expansão cosmológica, sob o ar denso e quente da emoção, fazem as pazes com a razão, como o divino fogo que traz o sopro de vida, necessidade inata de sobreviver correndo para o porto seguro das boas sensações...

Em todas as eras, os momentos eram críticos; as dúvidas, constantes; e a necessidade, persistente. Porque lá no fundo, no seio da passividade, algo grita aliado ao temor, buscando saber para onde vamos e até que ponto iremos nos lembrar de toda essa jornada. A morte é algo que se aproxima a cada segundo depois do nascimento, e por mais que as pessoas não lhe deem atenção, uma parte de nossa mente faz esse trabalho. Ainda bem... O medo é latente sob qualquer direção, a não ser que você seja especial. Vejo que, no momento em que o raciocínio gera a comunicação, estreito túnel de realidades, a ordem pode surgir, e mais próxima está a qualidade durante a sobrevivência, uma chave valiosa, que é a semântica em todo o conjunto de laços que podem unir as pessoas, por meio da centelha do bom senso pessoal. Mas, na grande maioria, a sensibilidade para perceber o espaço e o conjunto de fatores que compõe a harmonia não existe mais. É tanto sofrimento em diversas áreas, que a razão sempre busca uma solução para suportar o equilíbrio central.



Felipe Galvão



Felipe Galvão

Desde a infância, somos bombardeados por informações. É natural que os registros sejam feitos, pois a cada metáfora resgatada, um conjunto de vivências foi observado para exprimir o sentido e a compreensão. Decisões devem ser tomadas! Porque sempre há uma importância. Estamos em um momento em que as vias de acesso se tornam cada vez mais curtas. É o duro preço da proximidade, na distância física ou na comunicação – quanto mais próximo, menor é o período de gestação. Porém há uma medida, pois, não obstante, a natureza é justa e se mostra na grandeza do equilíbrio ecossistêmico que nos cerca. E, por mais grotesco que seja, o problema é menor, talvez nem exista, mas está lá, o desfecho clássico de nossa história. Será que vamos ultrapassar?

A distância da solução é diminuta, quanto mais a informação cresce, maior é a chance de corrigir os erros do passado e promover a integração entre os

indivíduos da sociedade. O grande problema é que estamos olhando para o lado errado, como o verbo que se foi, sem sabermos a sua direção. Ao invés de alçar às estrelas, ele segue sentido contrário, com força total, pois, como já disse, a distância é mínima. Do lado de fora, tudo parece muito grande; aqui dentro, tudo é tão pequeno que chega a faltarem coisas... Encontre os ingredientes certos, e tudo vai melhorar.

Meu nome é Ego. E, enquanto eu estiver vivo e forte, precisarei de mais alimento...

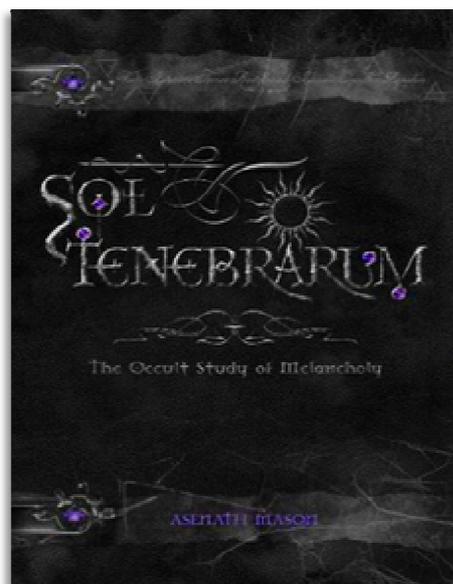


Felipe Galvão



Felipe Galvão é artista multimídia, maçom, taoista e praticante de *kung fu*.
realgravuras.com.br

Livro novo é aquele que você ainda não leu.
Anônimo (você conhece?)



SOL TENEBRARUM: THE OCCULT STUDY OF MELANCHOLY

Asenath Mason

Edition Roter Drache

Conhecida autora no meio ocultista e artístico e fundadora do Temple of Ascending Flame, na Polônia (www.ascendingflame.com/Portuguese), Asenath Mason busca trazer antigos conceitos sobre a melancolia para o contexto contemporâneo e redescobrir a melancolia como parte central da filosofia oculta, o que representa os estágios mais críticos da experiência interior. Na obra, ela aborda alquimia, magia, sombra psicológica, contemplação saturnina, mistérios dionisíacos,

licantropia, insanidade “inspirada”, Sol Negro, entre outros. Vista de maneira negativa pela sociedade comum, a melancolia pode estar relacionada à genialidade e à loucura do gênio criativo e faz parte da própria natureza humana neste plano material. Se você sente melancolia, pode estar também com uma nostalgia “inexplicável” de suas origens primevas pré-terráqueas... E, talvez, você seja um gênio... ou um louco. A obra, em inglês, é relativamente rara. Rara como a loucura da genialidade.

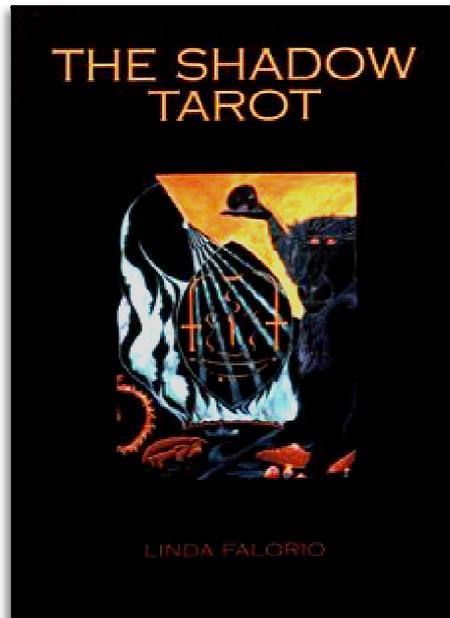
O MISTÉRIO DE XIBALBA

Drido Monteiro

Chiado Editora

A obra é uma ficção ocultista legitimamente brasileira, exceto pelo nome Xibalba. Com enigmas, suspense, ação, e com um final surpreendente e revelador, a trama se desenvolve em alguns dos lugares mais interessantes do Brasil, como São Tomé das Letras, Serra do Roncador, Fernando de Noronha, entre outros. No ano de 2021, um grupo de desconhecidos, vivendo suas vidas paralelas longe uns dos outros, encontra-se em uma “conspiração” de alcance planetário. Muito diferentes entre si e com qualidades “especiais”, são escolhidos desde o nascimento por uma inteligência não humana. Não tendo, a princípio, conhecimento de todo o plano estabelecido, essas pessoas serão elementos importantes para a misteriosa, terrível e necessária transformação da Terra. Bastante verossímil, *O Mistério de Xibalba*, nas vozes de seus personagens, traz também mensagens importantes para o presente e para o futuro.





THE SHADOW TAROT

Linda Falorio

Aeon Books

Esta não é uma obra comum; não é para aqueles que temem as trevas nem para aqueles que evitam conhecer a si mesmos. É um trabalho sobre o “lado negro da força”, sim – da força psíquica. Aqui, você não vai encontrar um simples tarô para ler o destino dos outros, mas um instrumento para explorar o lado noturno da mente, da psique, os aspectos mais ocultos e primordiais do indivíduo. A autora conseguiu criar um paradoxo artístico: os desenhos das cartas são sombrios, tenebrosos, sinistros, primais, densos, porém, ao mesmo tempo, são ricamente coloridos, relativamente estilizados e cheios de detalhes. Não banque a cartomante com esse baralho; use cada lâmina

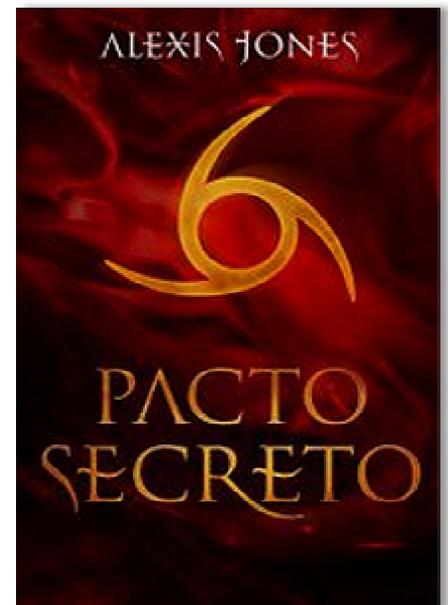
para ir além da realidade comum e corrente que cerca você, para o autoconhecimento mais profundo, explorando as camadas do seu próprio subconsciente. Esta edição é rara, mas há uma nova com uma capa não muito atraente. Livro em inglês, disponível lá fora, porque, todos sabem, por aqui pouco ou quase nada desse gênero chega em português.

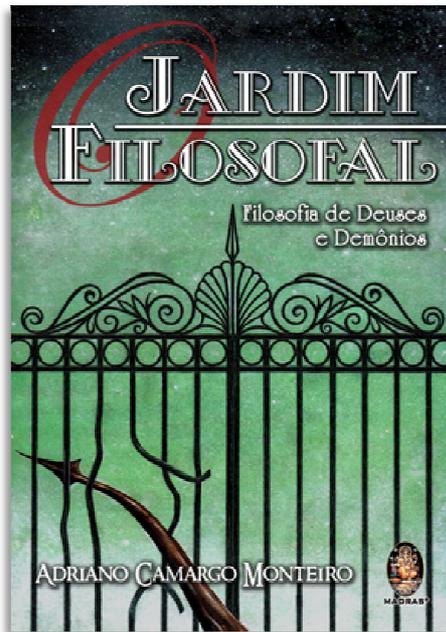
PACTO SECRETO

Alexis Jones

Edição da autora/Wattpad
Novo Século

Obra de ficção brasileira de Alexis Jones (Eliane Quintella). O cativante romance satanista é sobre um pacto com o próprio Satã, um cara “presença”, bem-apessoado, misterioso, que tenta uma jovem a assinar um contrato para que ela consiga o que quer: a restauração da saúde de sua irmã gêmea. Em troca, Satã cobrará o seu preço. O livro aborda questões como preconceito, livre-arbítrio, pecado, falsos moralismos, bem e mal, opressão religiosa, falácias dogmáticas. Apresenta um discurso bem embasado que desfaz algumas confusões com relação a nomes conhecidos do povo: Satã, Lúcifer, Diabo e outros. O trabalho é um entretenimento cultural instrutivo de qualidade. Com elementos sobrenaturais, pode fazer você sair do senso comum, do cotidiano prosaico, da vidinha de todo dia... se você estiver disposto a fazer o pacto, é claro.





O JARDIM FILOSOFAL: FILOSOFIA DE DEUSES E DEMÔNIOS

Adriano Camargo Monteiro
Madras Editora

O autor discorre, de maneira filosófica, porém inteligível, sobre aquilo que é supostamente considerado “proibido” e “perigoso”, fazendo um jogo de ideias apológicas e críticas com os conceitos de certo e errado, de mal e bem, de demoníaco e divino, de bestial e humano etc. Com uma linguagem vivaz e estimulante que funde o metafórico com o literal, o mítico com o real e o metafísico com o material, a obra aborda questões importantes da atual sociedade e alguns dos principais “medos” da civilização, procurando mostrar suas causas e sua influência nas principais

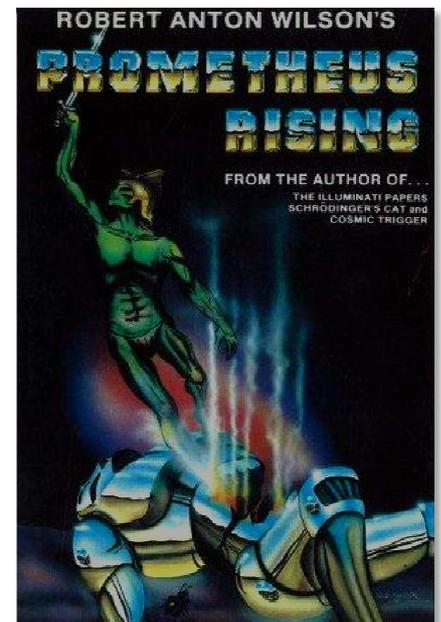
esferas da vida. A obra também propõe os meios para que você liberte sua mente: pelo discernimento, pelo autodesenvolvimento, pela busca do conhecimento, pela expansão da consciência e pela vivência da filosofia draconiana. Além disso, você vai ficar sabendo o que os demônios soltos fazem no paraíso...

PROMETHEUS RISING

Robert Anton Wilson

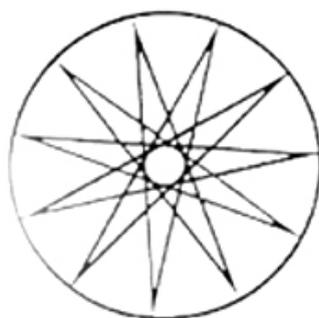
New Falcon Publications

Esta é uma obra, de fato, prometeica, ou seja, luciferiana, mas de teor acadêmico – os acadêmicos não gostam de usar esses termos. O autor, bastante conhecido por seu senso de humor ao falar de coisas sérias sobre desenvolvimento humano, aborda a evolução dos oito circuitos neurológicos (de Timothy Leary) com base no ocultismo e nas ciências (biológicas, humanas e exatas), como magia, filosofia, religião, sociobiologia, semântica, neurolinguística, relatividade, mecânica quântica etc. Como um manual para o uso do cérebro, a obra propõe o conhecimento e o desenvolvimento desses circuitos, para que o indivíduo possa aumentar sua inteligência, autoconsciência e vitalidade e estimula a iniciativa pessoal em trabalhar a própria evolução. Ao fim de cada capítulo, há exercícios para desenvolver e dominar a mente e o sistema nervoso. Apesar de ter sido escrito como uma tese de doutorado, o texto é inteligível e bem-humorado. Portanto, se você quer ressurgir, constantemente, como um ser mais evoluído, trabalhe sobre si mesmo.





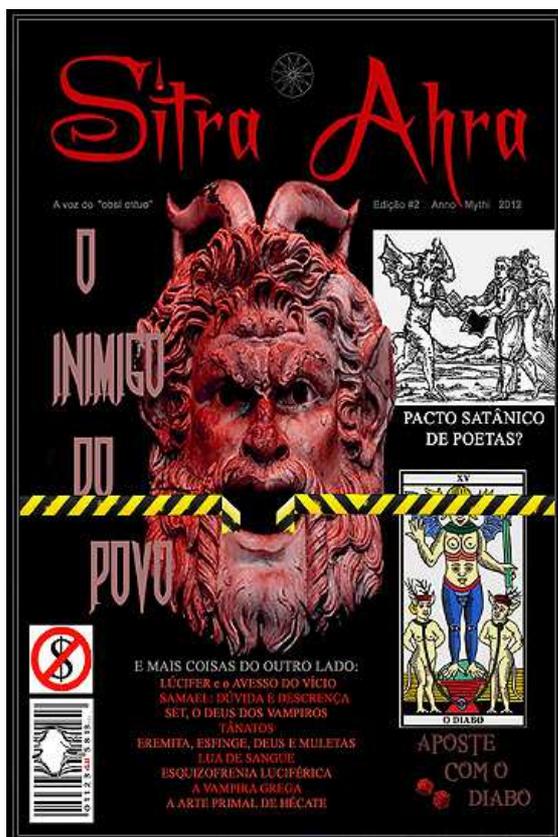
Moiras. Felipe Galvão.
realgravuras.com.br



Impressa na sua impressora, se você quiser.
Ou na impressora do seu serviço.
Ou em qualquer uma.

ADQUIRA TAMBÉM
AS EDIÇÕES ANTERIORES DE

Sitra Ahra



Sitra Ahra #2



Sitra Ahra #1

facebook.com/revistasitraahra
geocities.ws/sitraahra